

1

MINISTÉRIO DA
CULTURA

Fundação Biblioteca
Nacional

Departamen

to Nacional

do Livro

Convertido

e

disponibiliz

ado por Le

Livros

IRACEMA

José de Alencar

Introdução

À

Terra Natal

Um Filho Ausente.

Prólogo (da 1ª edição)

Meu amigo.

Este livro o vai

naturalmente encontrar

em seu pitoresco sítio da

várzea, no doce lar, a

que povoa a numerosa

*prole, alegria e
esperança do casal.
Imagino que é a hora
mais ardente da sesta.
O Sol a pino dardeja
raios de fogo sobre as
areias natais; as aves
emudecem; as plantas
languem. A natureza
sofre a influência da
poderosa irradiação
tropical, que produz o
diamante e o gênio, as*

*duas mais sublimes
expressões do poder
criador.*

*Os meninos brincam na
sombra do outão, com
pequenos ossos de reses,
que figuram a boiada.*

*Era assim que eu
brincava, há quantos
anos, em outro sítio, não
mui distante do seu. A
dona da casa, terna e
incansável, manda abrir*

*o coco verde, ou prepara
o saboroso creme do
buriti para refrigerar o
esposo, que pouco há
recolheu de sua
excursão pelo sítio, e
agora repousa
embalando-se na macia
e cômoda rede.*

*Abra então este livrinho,
que lhe chega da corte
imprevisto. Percorra*

*suas páginas para
desenfastiar o espírito
das cousas graves que o
trazem ocupado. Talvez
me desvaneça amor do
ninho, ou se iludam as
reminiscências da
infância avivadas
recentemente. Se não,
creio que, ao abrir o
pequeno volume, sentirá
uma onda do mesmo*

*aroma silvestre e bravio
que lhe vem da várzea.*

*Derrama-o, a brisa que
perpassou os espatos da
carnaúba e a ramagem
das aroeiras em flor.*

*Essa onda é a
inspiração da pátria
que volve a ela, agora e
sempre, como volve de
contínuo o olhar do
infante para o materno*

*semblante que lhe sorri.
O livro é cearense. Foi
imaginado aí, na
limpidez desse céu de
cristalino azul, e depois
vazado no coração cheio
das recordações vivaces
de uma imaginação
virgem. Escrevi-o para
ser lido lá, na varanda
da casa rústica ou na
fresca sombra do pomar,
ao doce embalo da rede,*

*entre os múrmures do
vento que crepita na
areia, ou farfalha nas
palmas dos coqueiros.*

*Para lá, pois, que é o
berço seu, o envio.*

*Mas assim mandado por
um filho ausente, para
muitos estranho,
esquecido talvez dos
poucos amigos, e só
lembrado pela*

*incessante desafeição,
qual sorte será a do
livro? Que lhe falte
hospitalidade, não há
temer. As auras de
nossos campos parecem
tão impregnadas dessa
virtude primitiva, que
quantas raças habitem aí
a inspiram com o hálito
vital. Receio sim que
seja recebido como*

*estrangeiro e hóspede na
terra dos meus.*

*Se porém, ao abordar
às plagas do Mocaripe,
for acolhido pelo bom
cearense, prezado de
seus irmãos ainda
mais na adversidade do
que nos tempos
prósperos, estou certo
que o filho de minha
alma achará na terra de*

*seu pai a intimidade e
conchego da família. O
nome de outros filhos
enobrece nossa
província na política e
na ciência; entre eles o
meu, hoje apagado,
quando o trazia
brilhantemente aquele
que primeiro o criou.
Neste momento mesmo,
a espada heróica de*

*muito bravo cearense
vai ceifando no campo
da batalha ampla messe
de glória. Quem não
pode ilustrar a terra
natal canta as lendas
suas, sem metro, na
rude toada de seus
antigos filhos. Acolha
pois a primeira mostra
e ofereça a nossos
patrícios a quem é*

*dedicada. Este pedido
foi um dos motivos de
lhe endereçar o livro; o
outro lhe direi depois
que o tenha lido.*

*Muita cousa me ocorre
dizer sobre o assunto,
que talvez devera
antecipar à leitura da
obra, para prevenir a
surpresa de alguns e
responder às*

*observações ou reparos
de outros.*

*Mas sempre fui avesso
aos prólogos; em meu
conceito eles fazem à
obra o mesmo que o
pássaro à fruta antes de
colhida; roubam as
primícias do sabor
literário. Por isso me
reservo para depois.*

*Na última página me
encontrará de novo;*

*então conversaremos a
gosto, em mais
liberdade do que
teríamos
neste pórtico do livro,
onde as etiquetas
mandam receber o
público com a
gravidade e
reverência devidas a
tão alto senhor.*

*Rio de Janeiro — Maio
de 1865.*

J. DE ALENCAR.

1

Verdes mares bravios de
minha terra natal, onde
canta a jandaia nas
frondes da carnaúba;

Verdes mares que
brilhais como líquida
esmeralda aos raios do
Sol nascente,
perlongando as alvas
praias ensombradas de
coqueiros.

Serenai verdes mares, e
alisai docemente a vaga
impetuosa, para que o
barco aventureiro
manso resvale à flor das
águas.

Onde vai a afouta
jangada, que deixa
rápida a costa cearense,
aberta ao fresco terral a
grande vela?

Onde vai como branca

alcíone buscando o
rochedo pátrio nas
solidões do oceano?

Três entes respiram
sobre o frágil lenho que
vai singrando veloce,
mar em fora; Um jovem
guerreiro cuja tez
branca não cora o
sangue americano; uma
criança e um rafeiro que
viram a luz no berço
das florestas, e brincam

irmãos, filhos ambos da
mesma terra selvagem.

A lufada intermitente
traz da praia um eco
vibrante, que ressoa
entre o marulho das
vagas:

— Iracema!...

O moço guerreiro,
encostado ao mastro,
leva os olhos presos na
sombra fugitiva da terra;

a espaços o olhar
empanado por ténue
lágrima cai sobre o
jirau, onde folgam as
duas inocentes criaturas,
companheiras de seu
infortúnio. Nesse
momento o lábio
arranca d'alma um agro
sorriso.

Que deixara ele na terra
do exílio?

Uma história que me
contaram nas lindas
várzeas onde nasci, à
calada da noite, quando
a Lua passeava no céu
argenteando os campos,
e a brisa rugitava nos
palmares.

Refresca o vento.

O rulo das vagas
precipita. O barco salta
sobre as ondas;

desaparece no horizonte.
Abre-se a imensidade
dos mares; e a borrasca
enverga, como o condor,
as foscas asas sobre o
abismo.

Deus te leve a salvo,
brioso e altivo barco,
por entre as vagas
revoltas, e te poje
nalguma enseada amiga.
Soprem para ti as

brandas auras; e para ti
jaspeie a bonança mares
de leite. Enquanto vogas
assim à discrição do
vento, airoso barco,
volva às brancas areias a
saudade, que te
acompanha, mas não se
parte da terra onde
revoa.

2

Além, muito além
daquela serra, que ainda
azula no horizonte,
nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos
lábios de mel, que tinha
os cabelos mais negros
que a asa da graúna, e
mais longos que seu
talhe de palmeira.

O favo da jati não era
doce como seu sorriso;
nem a baunilha recendia
no bosque como seu
hálito perfumado.

Mais rápida que a corça
selvagem, a morena
virgem corria o sertão e
as matas do Ipu, onde
campeava sua guerreira
tribo, da grande nação
tabajara. O pé grácil e
nu, mal roçando, alisava

apenas a verde pelúcia
que vestia a terra com as
primeiras águas.

Um dia, ao pino do Sol,
ela repousava em um
claro da floresta.

Banhava-lhe o corpo a
sombra da oiticica, mais
fresca do que o orvalho
da noite. Os ramos da
acácia silvestre
esparziam flores sobre
os úmidos cabelos.

Escondidos na
folhagem os pássaros
ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho:
o aljôfar d'água ainda a
roreja, como à doce
mangaba que corou em
manhã de chuva.

Enquanto repousa,
empluma das penas do
gará as flechas de seu
arco, e concerta com o

sabiá da mata, pousado
no galho próximo, o
canto agreste. A graciosa
ará, sua companheira e
amiga, brinca junto dela.
Às vezes sobe aos ramos
da árvore e de lá chama
a virgem pelo nome;
outras remexe o uru de
palha matizada, onde
traz a selvagem seus
perfumes, os alvos fios

do crautá, as agulhas da
juçara com que tece a
renda, e as tintas de que
matiza o algodão. Rumor
suspeito quebra a doce
harmonia da sesta. Ergue
a virgem os olhos, que o
sol não deslumbra; sua
vista perturba-se.

Diante dela e todo a
contemplá-la está um
guerreiro estranho, se é

guerreiro e não algum
mau espírito da floresta.

Tem nas faces o branco
das areias que bordam o
mar; nos olhos o azul
triste das águas
profundas. Ignotas
armas e tecidos ignotos
cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o
olhar, o gesto de
Iracema. A flecha
embebida no arco partiu.

Gotas de sangue
borbulham na face do
desconhecido.

De primeiro ímpeto, a
mão lesta caiu sobre a
cruz da espada; mas
logo sorriu. O moço
guerreiro aprendeu na
religião de sua mãe,
onde a mulher é símbolo
de
ternura e amor. Sofreu
mais d'alma que da

ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiracaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara.

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava.

Depois Iracema
quebrou a flecha
homicida: deu a haste
ao desconhecido,
guardando consigo a
ponta farpada.

O guerreiro falou:

— Quebras comigo a
flecha da paz?

— Quem te ensinou,
guerreiro branco, a
linguagem de meus

irmãos? Donde vieste a
estas matas, que nunca
viram outro guerreiro
como tu?

— Venho de bem longe,
filha das florestas.

Venho das terras que
teus irmãos já
possuíram, e hoje têm os
meus.

— Bem-vindo seja o
estrangeiro aos campos

dos tabajaras, senhores
das aldeias, e à cabana
de Araquém, pai de
Iracema.

3

O estrangeiro seguiu a
virgem através da
floresta.

Quando o Sol
descambava sobre a
crista dos montes, e a
rola desatava do fundo

da mata os primeiros
arrulhos, eles
descobriram no vale a
grande taba; e mais
longe, pendurada no
rochedo, à sombra dos
altos juazeiros, a cabana
do pajé. O ancião
fumava à porta, sentado
na esteira de carnaúba,
meditando os sagrados
ritos de Tupã. O ténue

sopro da brisa carmeava,
como frocos de algodão,
os compridos e raros
cabelos brancos. De
imóvel que estava, sumia
a vida nos olhos cavos e
nas rugas profundas.

O pajé lobrigou os dois
vultos que avançavam;
cuidou ver a sombra de
uma árvore solitária
que vinha

alongando-se pelo vale
fora.

Quando os viajantes
entraram na densa
penumbra do bosque,
então seu olhar como o
do tigre, afeito às
trevas, conheceu
Iracema e viu que a
seguia um jovem
guerreiro, de estranha
raça e longes terras.
As tribos tabajaras,

d'além Ibiapaba,
falavam de uma nova
raça de guerreiros, alvos
como flores de borrasca,
e vindos de remota plaga
às margens do Mearim.

O ancião pensou que
fosse um guerreiro
semelhante, aquele que
pisava os campos
nativos.

Tranqüilo, esperou.

A virgem aponta para o

estrangeiro e diz:

— Ele veio, pai.

— Veio bem. É Tupã
que traz o hóspede à
cabana de Araquém.

Assim dizendo, o pajé
passou o cachimbo ao
estrangeiro; e entraram
ambos na cabana.

O mancebo sentou-se na
rede principal, suspensa

no centro da habitação.
Iracema acendeu o fogo
da hospitalidade; e
trouxe o que havia de
provisões para satisfazer
a fome e a sede: trouxe o
resto da caça, a
farinha-d'água, os frutos
silvestres, os favos de
mel e o vinho de caju e
ananás.

Depois a virgem entrou

com a igaçaba, que
enchera na fonte
próxima de água fresca
para lavar o rosto e as
mãos do estrangeiro.

Quando o guerreiro
terminou a refeição, o
velho pajé apagou o
cachimbo e falou:

— Vieste?

— Vim, respondeu o
desconhecido.

— Bem vieste. O estrangeiro é senhor na cabana de Araquém. Os tabajaras têm mil guerreiros para defendê-lo, e mulheres sem conta para servi-lo. Dize, e todos te obedecerão.

— Pajé, eu te agradeço o agasalho que me deste. Logo que o Sol nascer, deixarei tua cabana e

teus campos

aonde vim perdido; mas
não devo deixá-los sem
dizer-te quem é o
guerreiro, que fizeste
amigo.

— Foi a Tupã que o pajé
serviu: ele te trouxe, ele
te levará. Araquém nada
fez pelo hóspede; não
pergunta donde vem, e
quando vai. Se queres

dormir, desçam sobre ti
os sonhos alegres; se
queres falar, teu hóspede
escuta. O estrangeiro
disse:

— Sou dos guerreiros
brancos, que levantaram
a taba nas margens do
Jaguaribe, perto do mar,
onde habitam os
pitiguaras, inimigos de
tua nação. Meu nome é

Martim, que na tua
língua diz como filho de
guerreiro; meu sangue,
odo grande povo que
primeiro viu as terras de
tua pátria. Já meus
destroçados
companheiros voltaram
por mar às margens do
Paraíba, de onde vieram;
e o chefe, desamparado
dos seus, atravessa agora

os vastos sertões do
Apodi. Só eu de tantos
fiquei, porque estava
entre os pitiguaras de
Acaraú, na cabana do
bravo Poti, irmão de
Jacaúna, que plantou
comigo a árvore da
amizade. Há três sóis
partimos para a caça; e
perdido dos meus, vim
aos campos dos

tabajaras. — Foi algum mau espírito da floresta que cegou o guerreiro branco no escuro da mata, respondeu o ancião.

A cauã piou, além, na extrema do vale. Caía a noite.

4

O pajé vibrou o maracá, e saiu da cabana, porém

o estrangeiro não ficou só. Iracema voltara com as mulheres chamadas para servir o hóspede de Araquém, e os guerreiros vindos para obedecer-lhe.

— Guerreiro branco, disse a virgem, o prazer embale tua rede durante a noite; e o Sol traga luz a teus olhos, alegria à

tua alma.

E assim dizendo,

Iracema tinha o lábio

trêmulo, e úmida a

pálpebra. — Tu me

deixas? perguntou

Martim.

— As mais belas

mulheres da grande taba

contigo ficam.

— Para elas a filha de

Araquem não devia ter conduzido o hóspede à cabana do pajé.

— Estrangeiro, Iracema não pode ser tua serva.

É ela que guarda o segredo da jurema e o mistério do sonho. Sua mão fabrica para o pajé a bebida de Tupã. O guerreiro cristão atravessou a cabana e

sumiu-se na treva.

A grande taba erguia-se
no fundo do vale,
iluminada pelos fachos
da alegria. Rugia o
maracá; ao quebro lento
do canto selvagem,
batia a dança em trono
a rude cadência. O pajé
inspirado conduzia o
sagrado tripúdio e dizia
ao povo crente os
segredos de Tupã.

O maior chefe da nação tabajara, Irapuã, descera do alto da serra Ibiapaba, para levar as tribos do sertão contra o inimigo pitiguara. Os guerreiros do vale festejam a vinda do chefe, e o próximo combate.

O mancebo cristão viu longe o clarão da festa, e passou além, e olhou o céu azul sem nuvens. A

estrela morta, que então
brilhava sobre a cúpula
da floresta, guiou seu
passo firme para as
frescas margens do
Acaraú.

Quando ele transmontou
o vale e ia penetrar na
mata, o vulto de Iracema
surgiu. A virgem seguira
o estrangeiro como a
brisa sutil que resvala
sem murmurejar por

entre a ramagem.

— Por que, disse ela, o estrangeiro abandona a cabana hospedeira sem levar o presente da volta? Quem fez mal ao guerreiro branco na terra dos tabajaras?

O cristão sentiu quanto era justa a queixa; e achou-se ingrato. —

Ninguém fez mal ao teu

hóspede, filha de
Araquém. Era o desejo
de ver seus amigos que o
afastava dos campos dos
tabajaras. Não levava o
presente da volta; mas
leva em sua alma a
lembrança de Iracema.

— Se a lembrança de
Iracema estivesse
n'alma do estrangeiro,
ela não o deixaria partir.

O vento não leva a areia
da várzea, quando a
areia bebe a água da
chuva.

A virgem suspirou:
— Guerreiro branco,
espera que Caubi volte
da caça. O irmão de
Iracema tem o ouvido
sutil que pressente a
boicininga entre os
rumores da mata; e o

olhar do oitibó que vê
melhor na treva. Ele te
guiará às margens do rio
das garças. — Quanto
tempo se passará antes
que o irmão de Iracema
esteja de volta na cabana
de Araquém?

— O Sol, que vai
nascer, tornará com o
guerreiro Caubi aos
campos do Ipu. — Teu

hóspede espera, filha de
Araquém; mas se o Sol
tornando não trouxer o
irmão de Iracema, ele
levará o guerreiro
branco à taba dos
pitiguaras. Martim
voltou à cabana do pajé.
A alva rede que Iracema
perfumara com a resina
do benjoim
guardava-lhe um sono

calmo e doce.

O cristão adormeceu
ouvindo suspirar, entre
os murmúrios da
floresta, o canto
mavioso da virgem
indiana.

5

O galo-da-campina
ergue a poupa escarlate
fora do ninho. Seu
límpido trinado anuncia
a aproximação do dia.

Ainda a sombra cobre a
terra. Já o povo
selvagem colhe as redes
na grande taba e
caminha para o banho. O
velho pajé que velou
toda a noite, falando às
estrelas, conjurando os
maus espíritos das
trevas, entra
furtivamente na cabana.
Eis retroa o boré pela

amplidão do vale.

Travam das armas os
rápidos guerreiros, e
correm ao campo.

Quando foram todos na
vasta ocara circular,
Irapuã, o chefe, soltou o
grito de guerra: — Tupã
deu à grande nação
tabajara toda esta terra.

Nós guardamos as
serras, donde manam os
córregos, com os

frescos ipus onde cresce
a maniva e o algodão; e
abandonamos ao
bárbaro potiguara,
comedor de camarão, as
areias nuas do mar, com
os secos tabuleiros sem
água e sem florestas.
Agora os pescadores da
praia, sempre vencidos,
deixam vir pelo mar a
raça branca dos
guerreiros de fogo,

inimigos de Tupã.
Já os emboabas
estiveram no Jaguaribe;
logo estarão em nossos
campos; e com eles os
potiguaras. Faremos
nós, senhores das
aldeias, como a pomba,
que se encolhe em seu
ninho, quando a
serpente enrosca pelos
galhos? O irado chefe

brande o tacape e o
arremessa no meio do
campo. Derrubando a
frente, cobre o rúbido
olhar:

— Irapuã falou; disse.

O mais moço dos
guerreiros avança:

— O gavião paira nos
ares. Quando a nambu
levanta, ele cai das
nuvens e rasga as

entranhas da vítima. O guerreiro tabajara, filho da serra, é como o gavião. Troa e retroa a pocema da guerra.

O jovem guerreiro erguera o tacape; e por sua vez o brandiu.

Girando no ar, rápida e ameaçadora, a arma do chefe passou de mão em mão. O velho Andira,

irmão do pajé, a deixou
tombar, e calcou no
chão, com o pé ágil
ainda e firme.

Pasma o povo tabajara
da ação desusada. Voto
de paz em tão provado e
impetuoso guerreiro! É
o velho herói, que
cresceu na sanha,
crescendo nos anos,
é o feroz Andira

quem derrubou o
tacape, núncio da
próxima luta?

Incertos e mudos
todos escutam:

— Andira, o velho
Andira, bebeu mais
sangue na guerra do
que já beberam cauim
nas festas de Tupã,
todos quantos
guerreiros alumia agora

a luz de seus olhos. Ele viu mais combates em sua vida, do que luas lhe despiram a fronte.

Quanto crânio de potiguara escalpelou sua mão implacável, antes que o tempo lhe arrancasse o primeiro cabelo? E o velho Andira nunca temeu que o inimigo pisasse a terra de seus pais; mas

alegrava-se quando ele
vinha, e sentia com o
faro da guerra a
juventude renascer no
corpo decrepito, como a
árvore seca renasce com
o sopro do inverno. A
nação tabajara é
prudente. Ela deve
encostar o tacape da luta
para tanger o membi da
festa. Celebra, Irapuã, a
vinda dos emboabas e

deixa que cheguem
todos aos nossos
campos. Então Andira te
promete o banquete da
vitória.

Desabriu enfim Irapuã a
funda cólera:

— Fica tu, escondido
entre as igaçabas de
vinho, fica, velho
morcego, porque temes
a luz do dia, e só bebes o
sangue da vítima que

dorme. Irapuã leva a
guerra no punho de seu
tacape. O terror que ele
inspira voa com o rouco
som do boré. O
potiguara já tremeu
ouvindo-o rugir na serra,
mais forte que o
ribombo do mar.

6

Martim vai a passo e
passo por entre os altos
juazeiros que cercam a

cabana do pajé.

Era o tempo em que o doce aracati chega do mar, e derrama a deliciosa frescura pelo árido sertão. A planta respira; um doce arrepio erriça a verde coma da floresta.

O cristão contempla o ocaso do Sol. A sombra, que desce dos montes e cobre o vale, penetra sua

alma. Lembra-se do
lugar onde nasceu, dos
entes queridos que ali
deixou. Sabe ele se
tornará a vê-los algum
dia?

Em torno carpe a
natureza o dia que
expira. Soluça a onda
trépida e lacrimosa;
geme a brisa na
folhagem; o mesmo
silêncio anela de aflito.

Iracema parou em face
do jovem guerreiro:

— É a presença de
Iracema que perturba a
serenidade no rosto do
estrangeiro? Martim
pousou brandos olhos
na face da virgem:

— Não, filha de
Araquém: tua presença
alegra, como a luz da

manhã. Foi a
lembrança da pátria
que trouxe a saudade
ao coração pressago.

— Uma noiva te
espera?

O forasteiro desviou os
olhos. Iracema dobrou a
cabeça sobre a espádua,
como a tenra palma da
carnaúba, quando a
chuva peneira na várzea.

— Ela não é mais doce
do que Iracema, a
virgem dos lábios de
mel, nem mais formosa!
murmurou o
estrangeiro.

— A flor da mata é
formosa quando tem
rama que a abrigue, e
tronco onde se enlace.
Iracema não vive n'alma
de um guerreiro: nunca
sentiu a frescura de seu

sorriso.

Emudeceram ambos,
com os olhos no chão,
escutando a palpação
dos seios que batiam
opressos.

A virgem falou enfim:
— A alegria voltará
logo à alma do guerreiro
branco; porque Iracema
quer que ele veja antes
da noite a noiva que o

espera.

Martim sorriu do
ingênuo desejo da filha
do pajé.

— Vem! disse a virgem.

Atravessaram o bosque
e desceram ao vale.

Onde morria a falda da
colina o arvoredado era
basto: densa abóbada
de folhagem
verde-negra cobria o
ádito agreste, reservado

aos mistérios do rito
bárbaro.

Era de jurema o bosque
sagrado. Em torno
corriam os troncos
rugosos da árvore de
Tupã; dos galhos
pendiam ocultos pela
rama escura os vasos do
sacrifício; lastravam o
chão as cinzas de extinto
fogo, que servira à festa

da última lua. Antes de
penetrar o recôndito
sítio, a virgem que
conduzia o guerreiro
pela mão hesitou,
inclinando o ouvido sutil
aos suspiros da brisa.
Todos os ligeiros
rumores da mata tinham
uma voz para a
selvagem filha do sertão.
Nada havia porém de

suspeito no intenso
respiro da floresta.

Iracema fez ao
estrangeiro um gesto de
espera e silêncio, e
depois desapareceu no
mais sombrio do
bosque. O Sol ainda
pairava suspenso no
visu da serra; e já
noite profunda enchia
aquela solidão.

Quando a virgem

tornou, trazia numa
folha gotas de verde e
estranho licor vazadas
da igaçaba, que ela
tirara do seio da terra.
Apresentou ao
guerreiro a taça agreste.
— Bebe!

Martim sentiu perpassar
nos olhos o sono da
morte; porém logo a luz
inundou-lhe os seios
d'alma; a força

exuberou em seu
coração. Reviveu os
dias passados melhor
do que os tinha vivido:
fruiu a realidade de
suas mais belas
esperanças.

Ei-lo que volta à terra
natal, abraça sua velha
mãe, revê mais lindo e
terno o anjo puro dos
amores infantis.

Mas por que, mal de
volta ao berço da
pátria, o jovem
guerreiro de novo
abandona o teto
paterno e demanda o
sertão?

Já atravessa as florestas;
já chega aos campos do
Ipu. Busca na selva a
filha do pajé. Segue o
rastro ligeiro da virgem
ariska, soltando à brisa

com o crebro suspiro o
doce nome:

— Iracema! Iracema!...
Já a alcança e cinge-lhe
o braço pelo talhe
esbelto.

Cedendo à meiga
pressão, a virgem
reclinou-se ao peito do
guerreiro, e ficou ali
trêmula e palpitante
como a tímida perdiz,
quando o terno

companheiro lhe arrufa
com o bico a macia
penugem.

O lábio do guerreiro
suspirou mais uma vez
o doce nome, e
soluçou, como se
chamara outro lábio
amante.

Iracema sentiu que sua
alma se escapava para
embeber-se no ósculo

ardente. E a fronte
reclinara, e a flor do
sorriso desabrochava já
para deixar-se colher.
Súbito a virgem tremeu;
soltando-se rápida do
braço que a cingia,
travou do arco.

7

Iracema passou entre as
árvores, silenciosa como

uma sombra: seu olhar
cintilante coava entre as
folhas, qual frouxos
raios de estrelas; ela
escutava o silêncio
profundo da noite e
aspirava as auras sutis
que aflavam. Parou.

Uma sombra resvalava
entre as ramas; e nas
folhas crepitava um
passo ligeiro, se não era

o roer de algum inseto.

A pouco e pouco o
tênue rumor foi
crescendo e a sombra
avultou.

Era um guerreiro. De
um salto a virgem estava
em face dele, trêmula de
susto e mais de cólera.

— Iracema! exclamou o
guerreiro recuando.

— Anhangá turbou sem

dúvida o sono de Irapuã,
que o trouxe perdido ao
bosque da jurema, onde
nenhum

guerreiro penetra sem a
vontade de Araquém.

— Não foi Anhangá,
mas a lembrança de
Iracema, que turbou o
sono do primeiro
guerreiro tabajara.

Irapuã desceu de seu
ninho de águia para

seguir na várzea a garça do rio. Chegou, e Iracema fugiu de seus olhos. As vozes da taba contaram ao ouvido do chefe que um estrangeiro era vindo à cabana de Araquém.

A virgem estremeceu. O guerreiro cravou nela o olhar abrasado: — O coração aqui no peito de Irapuã ficou tigre. Pulou

de raiva. Veio farejando ^a

presa. O estrangeiro está no bosque, e

Iracema o acompanhava. Quero beber

lhe o sangue todo:

quando o sangue do

guerreiro branco correr

nas veias do chefe

tabajara, talvez o ame a

filha de Araquém.

A pupila negra da

virgem cintilou na treva,

e de seu lábio

borbulhou, como gotas

do leite cáustico da
eufórbia, um sorriso de
desprezo:

— Nunca Iracema daria
seu seio, que o espírito
de Tupã habita só, ao
guerreiro mais vil dos
guerreiros tabajaras!

Torpe é o morcego
porque foge da luz e
bebe o sangue da vítima
adormecida!... — Filha

de Araquém, não
assanha o jaguar! O
nome de Irapuã voa
mais longe que o goaná
do lago, quando
sente a chuva além
das serras. Que o
guerreiro branco
venha, e o seio de
Iracema se abra para o
vencedor.

— O guerreiro branco é

hóspede de Araquém.

A paz o trouxe aos
campos do Ipu, a paz o
guarda. Quem ofender
o estrangeiro, ofende o
pajé. Rugiu de sanha o
chefe tabajara:

— A raiva de Irapuã
só ouve agora o grito
da vingança. O
estrangeiro vai morrer.

— A filha de Araquém

é mais forte que o chefe dos guerreiros, disse Iracema travando da inúbia. Ela tem aqui a voz de Tupã, que chama seu povo. — Mas ela não chamará!

respondeu o chefe escarnecendo.

— Não, porque Irapuã vai ser punido pela mão de Iracema. Seu

primeiro passo, é o
passo da morte.

A virgem retraiu d'um
salto o avanço que
tomara, e vibrou o arco.
O chefe cerrou ainda o
punho do formidável
tacape; mas pela vez
primeira sentiu que
pesava ao braço
robusto. O golpe que
devia ferir Iracema,
ainda não alçado, já lhe

trespassava, a ele
próprio, o coração.

Conheceu quanto o
varão forte, é pela sua
mesma fortaleza, mais
vencido das grandes
paixões.

— A sombra de Iracema
não esconderá sempre o
estrangeiro à vingança
de Irapuã. Vil é o
guerreiro, que se deixa

proteger por uma
mulher. Dizendo estas
palavras, o chefe
desapareceu entre as
árvores. A virgem
sempre alerta, voltou
para o cristão
adormecido; e velou o
resto da noite a seu lado.
As emoções recentes,
que agitaram sua alma, a
abriram ainda mais à

doce afeição, que iam
filtrando nela os olhos
do estrangeiro.

Desejava abrigá-lo
contra todo o perigo,
recolhê-lo em si como
em um asilo
impenetrável.

Acompanhando o
pensamento, seus
braços cingiam a cabeça
do guerreiro, e a
apertavam ao seio.

Mas quando passou a
alegria de o ver salvo
dos perigos da noite,
entrou-a mais viva a
inquietação, com a
lembrança dos novos
perigos que iam surgir.
— O amor de Iracema é
como o vento dos
areais; mata a flor das
árvores, suspirou a
virgem. E afastou-se

lentamente.

8

A alvorada abriu o dia e os olhos do guerreiro branco. A luz da manhã dissipou os sonhos da noite, e arrancou de sua alma a lembrança do que sonhara. Ficou apenas um vago sentir, como fica na moita o perfume do cacto que o vento da serra desfolha na

madrugada.

Não sabia onde estava.

À saída do bosque
sagrado encontrou
Iracema: a virgem
reclinava num tronco
áspero do arvoredor;
tinha os olhos no chão; o
sangue fugira das faces;
o coração lhe tremia nos
lábios, como gota de
orvalho nas folhas do

bambu. Não tinha
sorrisos, nem cores, a
virgem indiana; não tem
borbulhas, nem rosas, a
acácia que o sol crestou;
não tem azul, nem
estrelas, a noite que
enlutam os ventos.

— As flores da mata já
abriram aos raios do
Sol; as aves já
cantaram, disse o

guerreiro. Por que só
Iracema curva a fronte
e emudece?

A filha do pajé
estremeceu. Assim
estremece a verde
palma, quando a haste
frágil foi abalada;
rorejam do espato as
lágrimas da chuva, e os
leques ciciam
brandamente.

— O guerreiro Caubi

vai chegar à taba de
seus irmãos. O
estrangeiro poderá
partir com o Sol que
vem nascendo.

— Iracema quer ver o
estrangeiro fora dos
campos dos tabajaras;
então a alegria voltará a
seu seio.

— A juruti quando a
árvore seca abandona o
ninho em que nasceu.

Nunca mais a alegria
voltará ao seio de
Iracema: ela vai ficar,
como o tronco nu, sem
ramas, nem sombras.

Martim amparou o
corpo trêmulo da
virgem; ela reclinou
lânguida sobre o peito
do guerreiro, como o
tenro pâmpano da
baunilha que enlaça o
rijo galho do angico.

O mancebo murmurou:
— Teu hóspede fica,
virgem dos olhos
negros: ele fica para ver
abrir em tuas faces a
flor da alegria, e para
colher, como a abelha,
o mel de teus lábios.
Iracema soltou-se dos
braços do mancebo, e
olhou-o com tristeza:

— Guerreiro branco,
Iracema é filha do pajé,
e guarda o segredo da
jurema. O guerreiro que
possuísse a virgem de
Tupã morreria.

— E Iracema?

— Pois que tu morrias!...
Esta palavra foi sopro de
tormenta. A cabeça do
mancebo vergou e
pendeu sobre o peito;

mas logo se ergueu.

— Os guerreiros de meu sangue trazem a morte consigo, filha dos tabajaras. Não a temem para si, não a poupam para o inimigo. Mas nunca fora do combate eles deixarão aberto o camucim da virgem na taba de seu hóspede. A verdade falou

pela boca de Iracema. O estrangeiro deve abandonar os campos dos tabajaras. — Deve, respondeu a virgem como um eco.

Depois sua voz suspirou: — O mel dos lábios de Iracema é como o favo que a abelha fabrica no tronco da guabiroba: tem

na doçura o veneno. A
virgem dos olhos azuis e
dos cabelos do sol
guarda para seu
guerreiro na taba dos
brancos o mel da
açucena. Martim
afastou-se rápido, e
voltou, mas lentamente.
A palavra tremia em seu
lábio:

— O estrangeiro

partirá para que o
sossego volte ao seio
da virgem. — Tu
levas a luz dos olhos
de Iracema, e a flor
de sua alma.

Reboa longe na selva
um clamor estranho. O
olhos do mancebo
alongam-se. — É o
grito de alegria do

guerreiro Caubi, disse a
virgem. O irmão de
Iracema anuncia sua
boa chegada aos
campos dos tabajaras.

— Filha de Araquém,
guia teu hóspede à
cabana. É tempo de
partir. Eles caminharam
par a par, como dois
jovens cervos que ao
pôr-do-sol atravessam a

capoeira recolhendo ao
aprisco de onde lhes
traz a brisa um faro
suspeito.

Quando passavam entre os
juazeiros, viram que
atravessava além o
guerreiro

Caubi, vergando os
ombros robustos ao
peso da caça. Iracema
caminhou para ele.

O estrangeiro entrou só
na cabana.

9

O sono da manhã
pousava nos olhos do
pajé como névoas de
bonança pairam ao
romper do dia sobre as
profundas cavernas da
montanha.

Martim parou indeciso,
mas o rumor de seu

passo penetrou no
ouvido do ancião, e
abalou o corpo
decrépito.

— Araquém
dorme! murmurou
o guerreiro
devolvendo o
passo. O velho
ficou imóvel:

— O pajé dorme porque

já Tupã voltou o rosto
para a terra e a luz
correu os maus espíritos
da treva. Mas o sono é
leve nos olhos de
Araquém, como o fumo
do sapé no cocuruto da
serra. Se o estrangeiro
veio para o pajé, fale;
seu ouvido escuta.

— O estrangeiro veio
para te anunciar que
parte.

— O hóspede é o senhor na cabana de Araquém; todos os caminhos estão abertos para ele. Tupã o leve à taba dos seus.

Vieram Caubi e Iracema:

— Caubi voltou, disse o guerreiro tabajara.

Traz a Araquém o melhor de sua caça.

— O guerreiro Caubi é um grande caçador de

montes e florestas. Os
olhos de seu pai gostam
de vê-lo.

O velho abriu as
pálpebras e cerrou-as
logo:

— Filha de Araquém,
escolhe para teu
hóspede o presente da
volta e prepara o
moquém da viagem. Se
o estrangeiro precisa de
guia, o guerreiro Caubi,

senhor do caminho, o
acompanhará.

O sono voltou aos olhos
do pajé.

Enquanto Caubi
pendurava no fumeiro
as peças de caça,
Iracema colheu a sua
alva rede de algodão
com franjas de penas, e
acomodou-a dentro do
uru de palha trançada.

Martim esperava na
porta da cabana. A
virgem veio a ele:

— Guerreiro, que levas o
sono de meus olhos, leva
a minha rede também.

Quando nela dormires,
façam em tua alma os
sonhos de Iracema. —

Tua rede, virgem dos
tabaças, será minha
companheira no deserto:

venha embora o vento
frio da noite, ela
guardará para o
estrangeiro o calor e o
perfume do seio de
Iracema.

Caubi saiu para ir à sua
cabana, que ainda não
tinha visto depois da
volta. Iracema foi
preparar o moquém da
viagem. Ficaram sós na
cabana o pajé, que

ressonava, e o mancebo
com sua tristeza.

O Sol, transmontando,
já começava a declinar
para o ocidente, quando
o irmão de Iracema
tornou da grande taba.

— O dia vai ficar triste,
disse Caubi. A sombra
caminha para a noite. É
tempo de partir.

A virgem pousou a

mão de leve no
punho da rede de
Araquém. — Ele
vai! murmuraram
os lábios trêmulos.

O pajé levantou-se em
pé no meio da cabana e
acendeu o cachimbo.
Ele e o mancebo
trocaram a fumaça da
despedida.

— Bem-ido seja o hóspede, como foi bem-vindo à cabana de Araquém. O velho andou até a porta, para soltar ao vento uma espessa baforada de tabaco; quando o fumo se dissipou no ar, ele murmurou:

— Jurupari se esconda

para deixar passar o
hóspede do pajé.

Araquém voltou à rede e
dormiu de novo. O
mancebo tomou as suas
armas mais pesadas que,
chegando, suspendera às
varas da cabana, e se
dispôs a partir. Adiante
seguir Caubi; a alguma
distância o estrangeiro;
logo após, Iracema.

Desceram a colina e
entraram na mata
sombria. O
sabiá-do-sertão, mavioso
cantor da tarde,
escondido nas moitas
espessas da ubaia,
soltava já os prelúdios da
suave endecha.

A virgem suspirou:
— A tarde é a tristeza
do Sol. Os dias de

Iracema vão ser longas
tardes sem manhã, até
que venha para ela a
grande noite.

O mancebo se voltara.
Seu lábio emudeceu,
mas os olhos falaram.
Uma lágrima correu pela
face guerreira, como as
umidades que durante os
ardores do estio
transudam da escarpa
dos rochedos.

Caubi, avançando
sempre, sumira-se entre
a densa ramagem. O seio
da filha de Araquém
arfou, como o esto da
vaga que se franja de
espuma, e soluçou. Mas
sua alma, negra de
tristura, teve ainda um
pálido reflexo para
iluminar a seca flor das
faces. Assim em noite

escura vem um
fogo-fátuo luzir as
brancas areias do
tabuleiro.

— Estrangeiro, toma o
último sorriso de
Iracema... e foge!

A boca do guerreiro
pousou na boca mimosa
da virgem. Ficaram
ambas assim unidas
como dois frutos

gêmeos do araçá, que
saíram do seio da
mesma flor. A voz de
Caubi chamou o
estrangeiro. Iracema
abraçou para não cair o
tronco de uma palmeira.

10

Na cabana silenciosa,
medita o velho pajé.
Iracema está apoiada
no tronco rudo, que

serve de esteio. Os
grandes olhos negros,
fitos nos recortes da
floresta e rastos de
pranto, parece estão
naqueles olhares longos
e trêmulos enfiando e
desfiando os aljôfares
das lágrimas, que
rorejam as faces.

A ará, pousada no jirau
fronteiro, alonga para
sua formosa senhora os

verdes tristes olhos.

Desde que o guerreiro
branco pisou a terra dos
tabajaras, Iracema a
esqueceu.

Os róseos lábios da
virgem não se abriram
mais para que ela
colhesse entre eles a
polpa da fruta ou a papa
do milho verde; nem a
doce mão a afagara uma
só vez, alisando a

penugem dourada da
cabeça.

Se repetia o mavioso
nome da senhora, o
sorriso de Iracema já não
se voltava para ela, nem
o ouvido parecia escutar
a voz da companheira e
amiga, que dantes tão
suave era ao seu coração.

Triste dela! A gente tupi
a chamava jandaia,
porque sempre alegre

estrugia os campos com
seu canto fremente.

Mas agora, triste e
muda, desdenhada de
sua senhora, não parecia
mais a linda jandaia, e
sim o feio urutau que
somente sabe gemer.

O Sol remontou a
umbria das serras; seus
raios douravam apenas
o viso das eminências.

A surdina merencória
da tarde, que precede o
silêncio da noite,
começava de velar os
crebros rumores do
campo. Uma ave
noturna, talvez iludida
com a sombra mais
espessa do bosque,
desatou o estrídulo.
O velho ergueu a fronte
calva:

— Foi o canto da inhumana que acordou o ouvido de Araquém? disse ele admirado. A virgem estremecera, e já fora da cabana, voltou-se para responder à pergunta do pajé:

— É o grito de guerra do guerreiro Caubi!

Quando o segundo pio da

inhuma ressoou, Iracema
corria na mata, como a
corça perseguida pelo
caçador. Só respirou
chegando à campina, que
recortava o bosque,
como um grande lago.
Quem seus olhos
primeiro viram, Martim,
estava tranqüilamente
sentado em uma
sapopema, olhando o

que passava ali. Contra,
cem guerreiros tabajaras,
com Irapuã à frente,
formavam arco. O bravo
Caubi os afrontava a
todos, com o olhar cheio
de ira e as armas
valentes empunhadas na
mão robusta. O chefe
exigira a entrega do
estrangeiro, e o guia
respondera

simplesmente: — Matai
Caubi antes.

A filha do pajé passara
como uma flecha: ei-la
diante de Martim,
opondo também seu
corpo gentil aos golpes
dos guerreiros. Irapuã
soltou o bramido da
onça atacada na fuma.
— Filha do pajé, disse
Caubi em voz baixa.

Conduz o estrangeiro à
cabana: só Araquém
pode salvá-lo.

Iracema voltou-se para o
guerreiro branco:

— Vem!

Ele ficou imóvel.

— Se tu não vens, disse
a virgem; Iracema
morrerá contigo.

Martim ergueu-se; mas
longe de seguir a

virgem, caminhou
direito a Irapuã. A sua
espada flamejou no ar.

— Os guerreiros de meu
sangue, chefe, jamais
recusaram combate. Se
aquele que tu vês não
foi o primeiro a
provocá-lo, é porque
seus pais lhe ensinaram
a não derramar sangue
na terra hospedeira.

O chefe tabajara rugiu

de alegria; sua mão possante brandiu o tacape. Mas os dois campeões mal tiveram tempo de medir-se com os olhos; quando fendiam o primeiro golpe, já Caubi e Iracema estavam entre eles.

A filha de Araquém debalde rogava ao cristão, debalde o cingia

em seus braços
buscando arrancá-lo ao
combate.

De seu lado Caubi em
vão provocava Irapuã
para atrair a si a raiva
do chefe. A um gesto
de Irapuã, os guerreiros
afastaram os dois
irmãos; o combate
prosseguiu.

De repente o rouco som
da inúbia reboou pela
mata; os filhos da serra
estremeceram
reconhecendo o
estrídulo do búzio
guerreiro dos pitiguaras,
senhores das praias
ensombradas de
coqueiros. O eco vinha
da grande taba, que o
inimigo talvez assaltava
já.

Os guerreiros
precipitaram, levando
por diante o chefe.

Com o estrangeiro só
ficou a filha de
Araquém.

11

Os guerreiros tabajaras,
acorridos à taba,
esperavam o inimigo
diante da caiçara. Não

vindo, eles saíram a
buscá-lo.

Bateram as matas em
torno e percorreram os
campos; nem vestígios
encontraram da
passagem dos pitiguaras;
mas o conhecido frêmito
do búzio das praias tinha
ressoado ao ouvido dos
guerreiros da montanha;
não havia duvidar.

Suspeitou Irapuã que fosse um ardil da filha de Araquém para salvar o estrangeiro, e caminhou direito à cabana do pajé. Como trota o guará pela orla da mata, quando vai seguindo o rastro da presa escápula, assim estugava o passo o sanhudo guerreiro.

Araquém viu entrar em sua cabana o grande chefe da nação tabajara, e não se moveu. Sentado na rede, com as pernas cruzadas, escutava Iracema. A virgem referia os sucessos da tarde; avistando a figura sinistra de Irapuã, saltou sobre o arco e uniu-se ao flanco do jovem guerreiro branco.

Martim a afastou
docemente de si, e
promoveu o passo.

A proteção, de que o
cercava a ele guerreiro
a virgem tabajara, o
desgostava. —

Araquém, a vingança
dos tabajaras espera o
guerreiro branco; Irapuã
veio buscá-lo.

— O hóspede é amigo
de Tupã; quem ofender
o estrangeiro ouvirá
rugir o trovão.

— O estrangeiro foi
quem ofendeu a Tupã,
roubando a sua virgem,
que guarda os sonhos da
jurema.

— Tua boca mente
como o ronco da
jibóia! exclamou

Iracema. Martim

disse:

— Irapuã é vil e indigno
de ser chefe de
guerreiros valentes!

O pajé falou grave e
lento:

— Se a virgem
abandonou ao guerreiro
branco a flor de seu
corpo, ela morrerá; mas
o hóspede de Tupã é

sagrado; ninguém lhe tocará, todos o servirão. Irapuã bramiu; o grito rouco troou nas arcas do peito, como o frêmito da sucuri na profundez do rio.

— A raiva de Irapuã não pode mais ouvir-te, velho pajé! Caia ela sobre ti, se ousas subtrair o estrangeiro à vingança dos tabajaras.

O velho Andira, irmão
do pajé, entrou na
cabana; trazia no
punho o terrível
tacape; e nos olhos
uma raiva ainda mais
terrível.

— O morcego vem te
chupar o sangue, se é
que tens sangue e não
mel nas veias, tu que
ameaças em sua cabana

o velho pajé.

Araquém afastou o
irmão:

— Paz e silêncio,
Andira.

O pajé desenvolvera a
alta e magra estatura,
como a caninana
assanhada, que se enrasta
sobre a cauda, para
afrontar a vítima em
face. As rugas

afundaram, e,
repuxando as peles
engelhadas,
esbugalharam os
dentes alvos e
afilados:

— Ousa um passo mais,
e as iras de Tupã te
esmagarão sob o peso
desta mão seca e
mirrada!

— Neste momento, Tupã
não é contigo! replicou o

chefe.

O pajé riu; e o seu riso sinistro reboou pelo espaço como o regougo da ariranha. — Ouve seu trovão, e treme em teu seio, guerreiro, como a terra em sua profundez.

Araquém proferindo essa palavra terrível avançou até o meio da

cabana; ali ergueu a grande pedra e calcou o pé com força no chão: súbito, abriu-se a terra. Do antro profundo saiu um medonho gemido, que parecia arrancado das entranhas do rochedo.

Irapuã não tremeu, nem enfiou de susto; mas sentiu turvar-se a luz nos olhos, e a voz nos

lábios.

— O senhor do trovão é
por ti; o senhor da
guerra, será por Irapuã.

O torvo guerreiro
deixou a cabana; em
pouco seu grande vulto
mergulhou nas sombras
do crepúsculo.

O pajé e seu irmão
travaram a prática na
porta da cabana.

Martim, ainda surpreso
do que vira, não tirava os
olhos da funda cava, que
a planta do velho pajé
abrira no chão da
cabana. Um surdo
rumor, como o eco das
ondas quebrando nas
praias, ruidava ali.

O guerreiro cristão
cismava; ele não podia
crer que o deus dos
tabajaras desse ao seu

sacerdote tamanho
poder.

Araquém, percebendo o
que passava n'alma do
estrangeiro, acendeu o
cachimbo e travou do
maracá:

— É tempo de
aplacar as iras de
Tupã, e calar a voz
do trovão. Disse e

partiu da cabana.

Iracema achegou-se
então do mancebo;
levava os lábios em
riso, os olhos em júbilo:
— O coração de Iracema
está como o abati n'água
do rio. Ninguém fará
mal ao guerreiro branco
na cabana de
Araquém.

— Arreda-te do

inimigo, virgem dos
tabajaras, respondeu o
estrangeiro com
aspereza de voz.

Voltando brusco para
o lado oposto, furtou
o semblante aos olhos
ternos e queixosos da
virgem.

— Que fez Iracema, para
que o guerreiro branco
desvie seus olhos dela,
como se fora o verme da

terra?

As falas da virgem
ressoaram docemente no
coração de Martim.

Assim ressoam os
murmúrios da aragem
nas frondes da palmeira.
O mancebo sentiu raiva
de si, e pena dela:

— Não ouves tu,
virgem formosa?
exclamou ele
apontando para o

antro fremente.

— É a voz de Tupã!

— Teu deus falou pela boca do pajé: “Se a virgem de Tupã abandonar ao estrangeiro a flor de seu corpo, ele morrerá!...”

Iracema pendeu a fronte abatida:

— Não é voz de Tupã

que ouve teu coração,
guerreiro de longes
terras, é o canto da
virgem branca, que te
chama!

O rumor estranho que
saía das profundezas da
terra apagou-se de
repente: fez-se na
cabana tão grande
silêncio que ouvia-se
pulsar o sangue na
artéria do guerreiro, e

tremer o suspiro no lábio
da virgem.

12

O dia enegreceu; era
noite já.

O pajé tornara à
cabana; sopesando de
novo a grossa laje,
fechou com ela a boca
do antro. Caubi
chegara
também da grande taba,

onde com seus irmãos
guerreiros se recolhera
depois que bateram a
floresta, em busca do
inimigo pitiguara.

No meio da cabana,
entre as redes armadas
em quadro, estendeu
Iracema a esteira da
carnaúba, e sobre ela
serviu os restos da caça,
e a provisão de vinhos da
última lua. Só o

guerreiro tabajara achou
sabor na ceia, porque o
fel do coração que a
tristeza espreme não
amargava seu lábio.

O pajé bebia no
cachimbo o fumo
sagrado de Tupã que lhe
enchia as arcas do peito;
o estrangeiro respirava
ar às golfadas para
refrescar-lhe o sangue
efervescente; a virgem

destilava sua alma como
o mel de um favo, nos
crebros soluços que lhe
estalavam entre os
lábios trêmulos.

Já partiu Caubi para a
grande taba; o pajé
traga as baforadas do
fumo, que prepara o
mistério do sagrado
rito.

Levanta-se no ressono

da noite um grito
vibrante, que remonta
ao céu. Martim ergue a
frente e inclina o
ouvido. Outro clamor
semelhante ressoa. O
guerreiro murmura, que
o ouça a
virgem e só ela:
— Escutou, Iracema,
cantar a gaivota?

— Iracema escutou o grito de uma ave que ela não conhece.

— É a atiati, a garça do mar, e tu és a virgem da serra, que nunca desceu às alvas praias onde arrebentam as vagas.

— As praias são dos pitiguaras, senhores das palmeiras.

Os guerreiros da grande
nação que habitava as
bordas do mar se
chamavam a si
mesmos pitiguaras,
senhores dos
vales; mas os tabajaras,
seus inimigos, por
escárnio os apelidavam
potiguaras, comedores
de camarão.

Iracema não quis

ofender o guerreiro
branco; por isso,
falando dos pitiguaras,
não lhes recusou o
nome guerreiro que eles
havam tomado para si.
O estrangeiro reteve por
um instante a palavra no
seu lábio prudente,
enquanto refletia:
— O canto da gaivota é
o grito de guerra do

valente Poti, amigo de
teu hóspede! A virgem
estremeceu por seus
irmãos. A fama do bravo
Poti, irmão de Jacaúna,
subiu das ribeiras do mar
às

alturas da serra; rara é a
cabana onde já não rugiu
contra ele o grito de
vingança, porque em
quase todas o golpe de

seu válido tacape deitou
um guerreiro tabajara em
seu camucim.

Iracema cuidou que
Poti vinha à frente de
seus guerreiros para
livrar o amigo. Era ele
sem dúvida que fizera
retroar o búzio das
praias, no momento do
combate. Foi com um
tom misturado de
doçura e tristeza que

replicou:

— O estrangeiro está salvo; os irmãos de Iracema vão morrer, porque ela não falará.

— Saia essa tristeza de tua alma. O estrangeiro partindo-se de teus campos, virgem tabajara, não deixará neles rastro de sangue, como o tigre

esfaimado. 31

Iracema tomou a mão do guerreiro branco e beijou-a.

— Teu sorriso, continua ele, apagou a lembrança do mal que eles me querem. Martim ergueu-se e marchou para a porta.

— Aonde vai o guerreiro

branco?

— Adiante de Poti.

— O hóspede de Araquém
não pode sair desta cabana,
porque os guerreiros de
Irapuã o matarão.

— Um guerreiro só
deve proteção a Deus e
a suas armas. Não
carece que o defendam
os velhos e as
mulheres.

— Não vale um
guerreiro só contra mil
guerreiros; valente e
forte é o tamanduá, que
morde os gatos
selvagens
por serem muitos e o
acabam. Tuas armas só
chegam até onde mede a
sombra de teu corpo; as
armas deles voam alto e
direito como o anajê. —

Todo o guerreiro tem seu dia.

— Não queres tu que morra Iracema, e queres que ela te deixe morrer! Martim ficou perplexo:

— Iracema irá ao encontro do chefe pitiguara e trará a seu hóspede as falas do

guerreiro amigo.

O pajé saiu enfim de sua contemplação. O maracá rugiu-lhe na destra, tiniram os guizos com o passo hirto e lento.

Chamou ele a filha de parte:

— Se os guerreiros de Irapuã vierem contra a cabana, levanta a pedra e

esconde o estrangeiro no
seio da terra.

— O hóspede não deve
ficar só; espera que
volte Iracema. Ainda
não cantou a inhuma.

Tornou a sentar-se na
rede o velho. A virgem
partiu, cerrando a porta
da cabana. 33

13

Avança a filha de
Araquém nas trevas;
para e escuta.

O grito da gaivota
terceira vez ressoa ao
seu ouvido; ela vai
direito ao lugar d'onde
partiu; chega à borda
de um tanque; seu
olhar investiga a
escuridão, e nada vê do
que busca.

A voz maviosa, débil
como sussurro de
colibri, ressoa no
silêncio: —

Guerreiro Poti, teu
irmão branco te
chama pela boca de
Iracema. Só o eco
respondeu-lhe.

— A filha de teus

inimigos vem a ti
porque o estrangeiro te
ama, e ela ama o
estrangeiro.

A lisa face do lago
fendeu-se; e um vulto se
mostra, que nada para a
margem, e surge fora.

— Foi Martim quem te
mandou, pois tu sabes
o nome de Poti, seu
irmão na guerra.

— Fala, chefe pitiguara;
o guerreiro branco
espera.

— Torna a ele e diz que
Poti é chegado para o
salvar.

— Ele sabe; e
mandou-me a ti para
ouvir.

— As falas de Poti
sairão de sua boca para
o ouvido de seu irmão

branco. — Espera
então que Araquém
parta e a cabana fique
deserta; eu te guiarei à
presença do
estrangeiro.

— Nunca, filha dos
tabajaras, um guerreiro
pitiguara passou a
soleira da cabana
inimiga, se não foi como
vencedor. Conduz aqui o

guerreiro do mar.

— A vingança de
Irapuã fareja em roda
da cabana de
Araquém. Trouxe o
irmão do estrangeiro
bastantes

guerreiros pitiguaras
para o defender e salvar?

Poti refletiu:

— Conta, virgem das
serras, o que sucedeu

em teus campos depois
que a eles chegou o
guerreiro do mar.

Iracema referiu como
a cólera de Irapuã se
havia assanhado
contra o estrangeiro,
até que a voz de
Tupã,

chamado pelo pajé, tinha
apaziguado seu furor:

— A raiva de Irapuã é

como a andira: fuge da
luz e voa nas trevas. A
mão de Poti cerrou
súbito os lábios da
virgem; sua fala parecia
um sopro: — Suspende
a voz e o respiro,
virgem das florestas, o
ouvido inimigo escuta
na sombra.

As folhas crepitavam de

manso, como se por elas
passasse a fragueira
nambu. Um rumor,
partido da orla da
mata, vinha percorrendo
pelo vale.

O valente Poti,
resvalando pela relva,
como o ligeiro camarão,
de que ele tomara o
nome e a viveza,
desapareceu no lago
profundo. A água não

soltou um murmúrio, e
cerrou sobre ele sua
límpida onda.

Iracema voltou à
cabana; em meio do
caminho perceberam
seus olhos as sombras
de muitos guerreiros
que
rojavam pelo chão como
a intanha.

Araquém, vendo-a

entrar, partiu.

34

A virgem tabajara
contou a Martim o que
ouvira de Poti; o
guerreiro cristão ^{ergueu-se}
de um ímpeto para correr em defesa de
seu irmão pitiguara. Cingiu **l**he o
colo Iracema com os
lindos braços: — O
chefe não carece de ti;
ele é filho das águas; as
águas o protegem. Mais

tarde o estrangeiro
ouvirá em seus ouvidos
as falas amigas.

— Iracema, é tempo
que teu hóspede deixe a
cabana do pajé e os
campos dos tabajaras.
Ele não tem medo dos
guerreiros de Irapuã, tem
medo dos olhos da
virgem de Tupã.
— Eles fugirão de ti.

— Fuja deles o estrangeiro, como o oitibó da estrela da manhã. Martim promoveu o passo.

— Vai, guerreiro ingrato; vai matar teu irmão primeiro, depois a ti. Iracema te seguirá até aos campos alegres aonde vão as sombras dos que morrem. —

Matar meu irmão, dizes
tu, virgem cruel.

— Teu rastro guiará o
inimigo aonde ele se
oculta.

O cristão estacou em
meio da cabana; e ali
permaneceu mudo e
quedo. Iracema, receosa
de fitá-lo, tinha os olhos
na sombra do guerreiro,
que a chama projetava

na vetusta parede da
cabana.

O cão felpudo, deitado
no borralho, deu sinal de
que se aproximava gente
amiga. A porta
entretecida dos talos da
carnaúba foi aberta por
fora. Caubi entrou. — O
cauim perturbou o
espírito dos guerreiros;

eles vêm contra o
estrangeiro. A virgem
ergueu-se de um ímpeto:

— Levanta a pedra
que fecha a garganta
de Tupã, para que ela
esconda o estrangeiro.

O guerreiro tabajara,
sopesando a laje enorme,
emborcou-a no chão. —

Filho de Araquém, deita
na porta da cabana, e

mais nunca te levantes
da terra, se um guerreiro
passar por
cima de teu corpo.
Caubi obedeceu; a
virgem cerrou a porta.
Decorreu breve trato.
Ressoa perto o estrupido
dos guerreiros;
travam-se as vozes
iradas de Irapuã e Caubi.
— Eles vêm; mas Tupã

salvará seu hóspede.

Nesse instante, como se
o deus do trovão
ouvisse as palavras de
sua virgem, o antro,
mudo em princípio,
retroou surdamente.

— Ouve! É a voz de
Tupã.

Iracema cerra a mão do
guerreiro, e o leva à
borda do antro.

Somem-se ambos nas

entranhas da terra.

36

14

Os guerreiros
tabajaras, excitados
com as copiosas
libações do espumante
cauim, se inflamam à
voz de Irapuã
que tantas vezes os
guiou ao combate,
quantas à vitória.

Aplaca o vinho a sede
do corpo, mas acende
outra sede maior na
alma feroz. Rugem
vingança contra o
estrangeiro audaz que,
afrontando suas armas,
ofende o deus de seus
pais, e o chefe da
guerra, o primeiro
varão tabajara.
Lá tripudiam de furor, e

arremetem pelas
sombras; a luz
vermelha do ubiratã,
que brilha ao longe, os
guia à
cabana de Araquém. De
espaço em espaço
erguem-se do chão os
que primeiro vieram
para vigiar o inimigo.
— O pajé está na
floresta! murmuram eles.

— E o estrangeiro?
pergunta Irapuã.

— Na cabana com
Iracema.

O grande chefe lança
terrível salto; já é
chegado à porta da
cabana, e com ele seus
valentes guerreiros.

O vulto de Caubi enche
o vão da porta; suas
armas guardam diante

dele o espaço de um
bote do maracajá.

— Vis guerreiros são
aqueles que atacam em
bando como os caititus.
O jaguar, senhor da
floresta, e o anajê,
senhor das nuvens,
combatem só o inimigo.
— Morda o pó a boca
torpe que levanta a voz
contra o mais valente

guerreiro dos guerreiros
tabajaras.

Proferidas estas palavras,
ergue o braço de Irapuã
o rígido tacape, mas
estaca no ar: as
entranhas da terra outra
vez rugem, como
rugiram, quando
Araquém acordou a voz
tremenda de Tupã.

Levantam os guerreiros
medonho alarido, e

cercando seu chefe, o
arrebataam ao
funesto lugar e à cólera
de Tupã, contra eles
concitado.

Caubi estende-se de
novo na soleira da
porta; seus olhos
adormecem; mas seu
ouvido vela no sono.

A voz de Tupã
emudeceu .

Iracema e o cristão,
perdidos nas entranhas
da terra, descem a gruta
profunda. Súbito, uma
voz que vinha
reboando pela crasta,
encheu seus ouvidos:
— O guerreiro do mar
escuta a fala de seu
irmão?
— É Poti, o amigo
de teu hóspede,

disse o cristão para
a virgem. Iracema
estremeceu:

— Ele fala pela boca de
Tupã.

Martim respondeu enfim
ao pitiguara.

— As falas de Poti
entram n'alma de seu
irmão.

— Nenhum outro ouvido
escuta?

— Os da virgem que
duas vezes em um sol
defendeu a vida de teu
irmão! — A mulher é
fraca, o tabajara
traidor, e o irmão de
Jacaúna prudente. 37

Iracema suspirou e
pousou a cabeça no peito
do mancebo:

— Senhor de

Iracema, cerra seus
ouvidos, para que
ela não ouça.

Martim repeliu
docemente a gentil
fronte:

— Fale o chefe
pitiguara; só o escutam
ouvidos amigos e fiéis.

— Tu ordenas, Poti fala.
Antes que o Sol se

levante na serra, o
guerreiro do mar deve
partir para as margens
do ninho das garças; a
estrela morta o guiará às
alvas praias. Nenhum
tabajara o seguirá,
porque a inúbia dos
pitiguaras rugirá da
banda da serra.

— Quantos guerreiros
pitiguaras acompanham

seu chefe valente? —
Nenhum; Poti veio só
com suas armas. Quando
os espíritos maus das
florestas separaram o
guerreiro do mar
de seu irmão, Poti veio
em seguimento do
rastro. Seu coração não
deixou que voltasse
para chamar os
guerreiros de sua taba;

mas expediu seu cão
fiel ao grande Jacaúna.

— O chefe pitiguara está
só; não deve rugir a
inúbia que chamará
contra si todos os
guerreiros tabajaras.

— É preciso para salvar
o irmão branco; Poti
zombará de Irapuã,
como zombou quando
combatiam cem contra

ti.

A filha do pajé que
ouvira calada,
debruçou-se ao ouvido
do cristão: — Iracema
quer te salvar e a teu
irmão; ela tem seu
pensamento. O chefe
pitiguara é valente e
audaz; Irapuã é manhoso
e traiçoeiro como a
acauã. Antes que

chegues à floresta,
cairás; e teu irmão da
outra banda cairá
contigo. — Que fará a
virgem tabajara para
salvar o estrangeiro e
seu irmão? perguntou
Martim.

— Mais um sol e outro,
e a lua das flores vai
nascer. É o tempo da
festa, em que os

guerreiros tabajaras
passam a noite no
bosque sagrado, e
recebem do pajé os
sonhos alegres. Quando
estiverem todos
adormecidos, o guerreiro
branco deixará os
campos do Ipu, e os
olhos de Iracema, mas
não sua alma.

Martim estreitou a
virgem ao seio; mas

logo a repeliu. O toque
de seu corpo, doce
como a açucena da
mata, e

quente como o ninho do
beija-flor, espinhou seu
coração, porque lhe
recordou as palavras
terríveis do pajé.

A voz do cristão
transmitiu a Poti o
pensamento de Iracema;
o chefe pitiguara,

prudente como o
tamanduá,

pensou e respondeu:

— A sabedoria falou
pela boca da virgem
tabajara. Poti espera o
nascimento da Lua.

39

15

Nasceu o dia e expirou.
Já brilha na cabana de
Araquém o fogo,

companheiro da noite.

Correm lentas e
silenciosas no azul do
céu, as

estrelas, filhas da Lua,
que esperam a volta de
sua mãe ausente.

Martim se embala
docemente; e como a
alva rede que vai e vem,
sua vontade oscila de
um a outro pensamento.

Lá o espera a virgem
loura dos castos afetos;
aqui lhe sorri a virgem
morena dos ardentes
amores.

Iracema recosta-se
languê ao punho da
rede; seus olhos negros e
fúlgidos, ternos olhos de
sabiá, buscam o
estrangeiro, e lhe
entram n'alma. O

cristão sorri; a virgem
palpita; como o saí,
fascinado pela serpente,
vai declinando o lascivo
talhe, que se prostra
sobre o peito do
guerreiro.

Já o estrangeiro a preme
ao seio; e o lábio ávido
busca o lábio que o
espera, para celebrar
nesse ádito d'alma, o
himeneu do amor.

No recanto escuro o
velho pajé, imerso em
sua contemplação e
alheio às cousas deste
mundo, soltou um
gemido
doloroso. Pressentira o
coração o que não viram
os olhos? Ou foi algum
funesto presságio para a
raça de seus filhos, que
assim ecoou n'alma de

Araquem? Ninguém o soube.

O cristão repeliu do seio a virgem indiana. Ele não deixará o rastro da desgraça na cabana hospedeira. Cerra os olhos para não ver; e enche sua alma com o nome e a veneração do seu Deus:

— Cristo!... Cristo!...

A serenidade volta ao
seio do guerreiro branco,
mas todas as vezes que
seu olhar pousa sobre a
virgem tabajara, ele
sente correr-lhe pelas
veias uma centelha de
ardente chama. Assim,
quando a criança
imprudente revolve o
brasido de intenso fogo,
saltam as faúlhas

inflamadas que lhe
queimam o corpo.

Fecha os olhos o cristão,
mas na sombra de seu
pensamento surge a
imagem da virgem,
talvez mais bela.

Embalde chama ele o
sono às pálpebras
fatigadas; elas se abrem,
malgrado seu. Desce-lhe

do céu ao atribulado
pensamento uma
inspiração:

— Virgem formosa do
sertão, esta é a última
noite que teu hóspede
dorme na cabana de
Araquém, onde nunca
viera, para teu bem
e seu. Faze que seu
sono seja alegre e

feliz. — Manda;
Iracema te
obedece. Que pode
ela para tua
alegria? O cristão
falou submisso,
para que não o
ouvisse o velho
pajé:
— A virgem de Tupã

guarda os sonhos da
jurema que são doces e
saborosos! Um triste
sorriso punziu os lábios
de Iracema:

— O estrangeiro vai
viver para sempre à
cintura da virgem
branca; nunca mais seus
olhos verão a filha de
Araquém; e ele quer que

o sono já feche suas
pálpebras, e o sonho o
leve à terra de seus
irmãos!

— O sono é o descanso
do guerreiro, disse
Martim; e o sonho a
alegria d'alma. O
estrangeiro não quer
levar
consigo a tristeza da
terra hospedeira, nem

deixá-la no coração de
Iracema! 40

A virgem ficou imóvel.

— Vai, e torna com o
vinho de Tupã.

Quando Iracema foi de
volta, já o pajé não
estava na cabana; tirou a
virgem do seio o vaso
que ali trazia oculto sob
a carioba de algodão
entretecida de penas.

Martim lho arrebatou
das mãos, e libou as
poucas gotas do verde e
amargo licor. Não tardou
que a rede recebesse seu
corpo desfalecido.

Agora podia viver com
Iracema, e colher em
seus lábios o beijo, que
ali viçava entre sorrisos,
como o fruto na corola
da flor. Podia amá-la, e
sugar desse amor o mel

e o perfume, sem deixar
veneno no seio da
virgem.

O gozo era vida, pois o
sentia mais vivo e
intenso; o mal era
sonho e ilusão, que da
virgem ele não possuía
mais que a imagem.

Iracema se afastara
opressa e suspirosa.

Abriram-se os braços
do guerreiro e seus

lábios; o nome da
virgem ressoou
docemente.

A juruti, que divaga pela
floresta, ouve o terno
arrulho do
companheiro; bate as
asas, e voa para
conchegar-se ao tépido
ninho. Assim a virgem
do sertão, aninhou-se
nos braços do guerreiro.
Quando veio a manhã,

ainda achou Iracema ali
debruçada, qual
borboleta que dormiu
no seio do formoso
cacto.

Em seu lindo semblante
acendia o pejo vivos
rubores; e como entre os
arrebóis da manhã
cintila o primeiro raio
do Sol, em suas faces
incendidas rutilava o
primeiro sorriso da

esposa, aurora de fruído
amor.

Martim vendo a virgem
unida ao seu coração,
cuidou que o sonho
continuava; cerrou os
olhos para torná-los a
abrir.

A pocema dos
guerreiros, troando pelo
vale, o arrancou ao doce
engano: sentiu que já

não sonhava, mas vivia.
Sua mão cruel abafou
nos lábios da virgem o
beijo que ali se
espanejava. — Os
beijos de Iracema são
doces no sonho; o
guerreiro branco encheu
deles sua alma. Na vida,
os lábios da
virgem de Tupã,

amargam e doem como
o espinho da jurema. A
filha de Araquém
escondeu no coração a
sua alegria. Ficou tímida
e inquieta, como a ave
que pressente a
borrasca no horizonte.
Afastou-se rápida, e
partiu.
As águas do rio

depuraram o
corpo casto da
recente esposa. A
jandaia não tornou
à cabana.

Tupã já não tinha sua
virgem na terra dos
tabajaras.

42

16

O alvo disco da Lua

surgiu no horizonte.

A luz brilhante do Sol
empalidece a virgem do
céu, como o amor do
guerreiro desmaia a
face da esposa.

— Jaci!... Mãe nossa!...
exclamaram os
guerreiros tabajaras. E
brandindo os arcos
lançaram ao céu com a
chuva das flechas o

canto da lua nova:

“Veio no céu a mãe dos guerreiros; já volta o rosto para ver seus filhos. Ela traz as águas, que enchem os rios e a polpa do caju.

“Já veio a esposa do Sol; já sorri as virgens da terra, filhas suas. A doce luz acende o amor no coração dos

guerreiros e fecunda o
seio da jovem mãe.”

Cai a tarde.

Folgam as mulheres e
os meninos na vasta
ocara; os mancebos,
que ainda não
ganharam nome de
guerra por
algum feito brilhante,
discorrem no vale.

Os guerreiros seguem

Irapuã ao bosque
sagrado, onde os espera
o pajé e sua filha para o
mistério da jurema.

Iracema já acendeu os
fogos da alegria.

Araquém está imóvel e
extático no seio de uma
nuvem de fumo.

Cada guerreiro que
chega depõe a seus pés
uma oferenda a Tupã.
Traz um a succulenta

caça; outro a farinha
d'água; aquele o
saboroso piracém da
traíra. O velho pajé,
para quem são estas
dádivas, as recebe com
desdém.

Quando foram todos
sentados em torno do
grande fogo, o
ministro de Tupã
ordena o silêncio com
um gesto, e

três vezes clamando
o nome terrível,
enche-se do deus,
que o habita: —

Tupã!... Tupã!...

Tupã!...

Três vezes o eco ao
longe repercutiu.

Vem Iracema com a
igaçaba cheia do verde
licor. Araquém decreta

os sonhos a cada
guerreiro, e distribui o
vinho da jurema, que
transporta ao céu o
valente tabajara.

Este, grande caçador,
sonha que os veados e
as pacas correm adiante
de suas flechas para se
traspassarem nelas;
fatigado por fim de
ferir, cava na terra o
bucã, e assa tamanha

quantidade de caça que mil guerreiros em um ano não acabaram.

Outro, fogoso em amores, sonha que as mais belas virgens dos tabajaras deixam a cabana de seus pais e o seguem cativas de seu querer. Nunca a rede de chefe algum embalou mais voluptuosas carícias,

que ele as frui
naquele êxtase.

O herói sonha
tremendas lutas e
horríveis combates, de
que sai vencedor, cheio
de glória e fama. O
velho

renasce na prole
numerosa, e como o
seco tronco, donde
rebenta nova e robusta

sebe, cobre-se ainda de
flores.

Todos sentem a
felicidade tão viva e
contínua, que no espaço
da noite cuidam viver
muitas luas. As bocas
murmuram; o gesto
fala; e o pajé, que tudo
escuta e vê, colhe o
segredo das almas
desnudas.

Iracema, depois que
ofereceu aos guerreiros
o licor de Tupã, saiu do
bosque. Não permitia o
rito que ela
assistisse ao sono dos
guerreiros e ouvisse falar
os sonhos.

Foi dali direito à cabana
onde a esperava Martim:

43

— Toma tuas armas,

guerreiro branco. É
tempo de partir.

— Leva-me aonde está
Poti, meu irmão.

A virgem caminhou
para o vale; o cristão a
seguiu. Chegaram à
falda do rochedo, que
ia morrer à beira do
tanque, em um maciço
de verdura.

— Chama teu irmão!

Martim soltou o grito da
gaivota. A pedra que
fechava a entrada da
gruta caiu; e o vulto do
guerreiro Poti
apareceu na sombra.

Os dois irmãos
encostaram a fronte na
fronte e o peito no
peito, para exprimir que
não tinham ambos mais
que

uma cabeça e um
coração.

— Poti está contente
porque vê seu irmão,
que o mau espírito da
floresta arrebatou de
seus olhos.

— Feliz é o guerreiro
que tem ao flanco um
amigo como o bravo
Poti; todos os guerreiros
o invejarão.

Iracema suspirou,
pensando que a afeição
do pitiguara bastava à
felicidade do
estrangeiro.

— Os guerreiros
tabajaras dormem. A
filha de Araquém vai
guiar os estrangeiros.
A virgem seguiu
adiante; os dois
guerreiros após.

Quando tinham andado o espaço que transpõe a garça de um vôo, o chefe pitiguara tornou-se inquieto e murmurou ao ouvido do cristão: — Manda à filha do pajé que volte à cabana de seu pai. Ela demora a marcha dos guerreiros.

Martim entristeceu;

mas a voz da
prudência e da
amizade penetrou em
seu coração. Avançou
para Iracema, e
tirou do seio uma voz
doce para acalentar a
saudade da virgem: —
Mais afunda a raiz da
planta na terra, mais
custa a arrancá-la. Cada
passo de Iracema no

caminho da partida, é
uma raiz que lança no
coração de seu
hóspede.

— Iracema quer te
acompanhar até onde
acabam os campos dos
tabajaras, para voltar
com o sossego em seu
peito.

Martim não respondeu.
Continuaram a

caminhar, e com eles
caminhava a noite; as
estrelas desmaiaram; e a
frescura da alvorada
alegrou a floresta. As
roupas da manhã, alvas
como o algodão,
apareceram no céu.
Poti olhou a mata e
parou. Martim
compreendeu e disse a
Iracema: — Teu

hóspede já não pisa os
campos dos tabajaras. É
o instante de separar-te
dele.

45

17

Iracema pousou a mão
no peito do guerreiro
branco:

— A filha dos
tabajaras já deixou os

campos de seus pais;
agora pode falar. —

Que guardas tu em teu
seio, virgem formosa
do sertão?

Ela pôs os olhos cheios
no cristão:

— Iracema não pode
mais separar-se do
estrangeiro.

— Assim é preciso,

filha de Araquém.

Torna à cabana de teu
velho pai, que te espera.

— Araquém já não tem
filha.

Martim tornou com um
gesto rudo e severo:

— Um guerreiro da
minha raça jamais
deixou a cabana do
hóspede viúva de sua
alegria. Araquém

abraçará sua
filha, para não
amaldiçoar o estrangeiro
íngrato.

A virgem pendeu a
fronze; velando-se com
as longas tranças
negras que se
espargiam pelo colo,
cruzando ao
grêmio os lindos braços,
recolheu em seu pudor.

Assim o róseo cacto, que
já desabrochou em
formosa flor, cerra em
botão o seio perfumado.

— Tua escrava te
acompanhará, guerreiro
branco; porque teu
sangue dorme em seu
seio.

Martim estremeceu.

— Os maus espíritos da
noite turbaram o espírito

de Iracema. — O
guerreiro branco
sonhava, quando Tupã
abandonou sua virgem,
porque ela traiu o
segredo da jurema.

O cristão escondeu as
faces à luz.

— Deus!... clamou seu
lábio trêmulo.

Permaneceram ambos
mudos e quedos.

Afinal disse Poti:

— Os guerreiros
tabajaras despertam.

O coração da virgem,
como o do estrangeiro,
ficou surdo à voz da
prudência. O Sol
levantou-se no
horizonte; e seu olhar
majestoso desceu dos
montes à floresta. Poti
de pé como um tronco

decepado esperou que
seu irmão quisesse
partir.

Foi Iracema quem
primeiro falou:

— Vem; enquanto não
pisares as praias dos
pitiguaras, tua vida corre
perigo. Martim seguiu
silencioso a virgem, que
fugia entre as árvores
como a selvagem cutia.

A tristeza lhe roía o
coração; mas a onda de
perfumes que deixava
na brisa a passagem da
formosa tabajara
açulava o amor no seio
do guerreiro. Seu passo
era tardo, o peito lhe
ofegava.

Poti cismava. Em sua
cabeça de mancebo
morava o espírito de

um abaeté. O chefe
pitiguara pensava que o
amor

é como o cauim, o qual
bebido com moderação
fortalece o guerreiro, e
tomado em excesso
abate a coragem do
herói.

Ele sabia quanto veloz
era o pé do tabajara; e
esperava o momento de
morrer defendendo o

amigo.

46

Quando as sombras da tarde entristeciam o dia, o cristão parou no meio da mata. Poti acendeu o fogo da

hospitalidade. A virgem desdobrou a alva rede de algodão franjada de penas de tucano, e suspendeu-a aos ramos

da árvore.

— Esposo de Iracema,
tua rede te espera.

A filha de Araquém foi
sentar-se longe, na raiz
de uma árvore, como a
cerva solitária, que o
ingrato

companheiro afugentou do
aprisco. O guerreiro
pitiguara desapareceu na
espessura da folhagem.

Martim ficou mudo e triste, semelhante ao tronco d'árvore a que o vento arrancou o lindo cipó que o entrelaçava. A brisa, perpassando levou um murmúrio:

— Iracema!

Era o balido do companheiro; a cerva arrufando-se ganhou o

doce aprisco. A floresta
destilava suave
fragrância e exalava
harmoniosos arpejos; os
suspiros do coração se
difundiram nos
múrmures do deserto.
Foi a festa do amor, e o
canto do himeneu.
Já a luz da manhã coou
na selva densa. A voz
grave e sonora de Poti

repercutiu no sussurro
da mata:

— O povo tabajara
caminha na floresta!

Iracema arrancou-se
dos braços que a
cingiam e mais do
lábio que a tinha
cativa: saltando da rede
como a rápida zabelê,
travou das armas do
esposo e levou-o
através da mata.

De espaço a espaço, o
prudente Poti escutava
as entranhas da terra;
sua cabeça movia-se
pesada de um a outro
lado, como a nuvem que
se balança no cocuruto
do rochedo, aos vários
lufos da próxima
borrasca.

— O que escuta o
ouvido do guerreiro

Poti?

— Escuta o passo veloz
do povo tabajara. Ele
vem como o tapir,
rompendo a floresta.

— O guerreiro pitiguara
é a ema que voa sobre a
terra; nós o seguiremos,
como suas asas, disse
Iracema.

O chefe sacudiu de novo
a fronte:

— Enquanto o guerreiro do mar dormia, o inimigo correu. Os que primeiro partiram já avançam além como as pontas do arco.

A vergonha mordeu o coração de Martim:

— Fuja o chefe Poti e salve Iracema. Só deve morrer o guerreiro mau,

que não escutou a voz
de seu irmão e o
pedido de sua esposa.
Martim arrepiou o passo.
— A alma do guerreiro
branco não escutou sua
boca. Poti e seu irmão
só têm uma vida.
O lábio de Iracema não
falou; sorriu.

Treme a selva com o
estrupeido da carreira
do povo tabajara. O
grande Irapuã,
primeiro, assoma entre
as árvores. Seu olhar
rúbido viu o guerreiro
branco entre nuvens de
sangue; o grito rouco do
tigre rompe de seu peito
cavernoso.

O chefe tabajara e seu

povo vão se precipitar
sobre os fugitivos,
como a vaga
encapelada que
arrebenta no
Mocoribe.

Eis late o cão selvagem.

Poti solta o grito da
alegria:

— O cão de Poti guia os
guerreiros de sua taba
em socorro teu. O rouco

búzio dos pitiguaras
estruge pela floresta. O
grande Jacaúna, senhor
das praias do mar,
chegava do rio das
garças com seus
melhores guerreiros. Os
pitiguaras recebem o
primeiro ímpeto do
inimigo nas pontas
erichadas de suas flechas,

que eles despedem do
arco aos molhos, como
o cuandu os espinhos
do seu corpo. Logo
após soa a pocema,
estreita-se o espaço, e
a luta se trava face a
face.

Jacaúna atacou Irapuã.
Prossegue o horrível
combate que bastara a
dez bravos, e não

esgotou ainda a força
dos grandes chefes.

Quando os dois tacapes
se encontram, a batalha
toda estremece como um
só guerreiro até as
entranhas.

O irmão de Iracema
veio direito ao
estrangeiro, que
arrancara a filha de
Araquém à cabana

hospedeira; o faro da
vingança o guia; a vista
da irmã assanha a raiva
em seu peito. O
guerreiro Caubi assalta
com furor o inimigo.
Iracema, unida ao
flanco de seu guerreiro
e esposo, viu de longe
Caubi e falou assim:
— Senhor de Iracema,
ouve o rogo de tua

escrava; não derrama o
sangue do filho de
Araquém. Se o
guerreiro

Caubi tem de morrer,
morra ele por esta mão,
não pela tua.

Martim pôs no rosto da
virgem olhos de horror:
— Iracema matará seu
irmão?

— Iracema antes quer

que o sangue de Caubi
tinha sua mão que a tua;
porque os olhos de
Iracema vêem a ti, e a
ela não.

Travam a luta os
guerreiros. Caubi
combate com furor; o
cristão defende-se
apenas; mas a seta
embebida no
arco da esposa guarda

a vida do guerreiro
contra os botes do
inimigo. Poti já
prostrou o velho
Andira e quantos
guerreiros topou na
luta seu válido tacape.
Martim lhe abandona o
filho de Araquém, e
corre sobre Irapuã:
— Jacaúna é um
grande chefe, seu colar

de guerra dá três voltas
ao peito. O tabajara
pertence ao guerreiro
branco.

— A vingança é a honra
do guerreiro, e Jacaúna
ama o amigo de Poti. O
grande chefe pitiguara
levou além o formidável
tacape. O combate
renhiu-se entre Irapuã e
Martim. A espada

do cristão, batendo na
clava do selvagem,
fez-se em pedaços. O
chefe tabajara avançou
contra o peito inerte do
adversário.

49

Iracema silvou como a
boicininga, e se
arremessou ante a fúria
do guerreiro tabajara. A
arma rígida tremeu na

destra possante e o
braço caiu desfalecido.
Soava a pocema da
vitória. Os guerreiros
pitiguaras conduzidos
por Jacaúna e Poti
varriam a floresta. Os
tabajaras, fugindo,
arrebatarem seu chefe
ao ódio da filha de
Araquém que o podia
abater, como a jandaia

abate o prócero
coqueiro roendo-lhe o
cerne. Os olhos de
Iracema, estendidos
pela floresta, viram o
chão juncado de
cadáveres de seus
irmãos; e longe o
bando dos guerreiros
tabajaras que fugia em
nuvem negra de pó.
Aquele sangue que

enrubescia a terra era o
mesmo sangue brioso
que lhe ardia nas faces
de vergonha.

O pranto orvalhou seu
lindo semblante.

Martim afastou-se para
não envergonhar a
tristeza de Iracema.

Deixou que sua dor nua
se banhasse nas
lágrimas.

50

19

Poti voltou de
perseguir o inimigo.
Seus olhos se
encheram de alegria,
vendo salvo o guerreiro
branco.

O cão fiel o seguia de
perto, lambendo ainda
nos pêlos do focinho a
marugem do sangue

tabajara, de que se
fartara; o senhor o
acariciava satisfeito de
sua coragem e
dedicação. Fora ele
quem salvara Martim, ali
trazendo com tanta
diligência os guerreiros
de Jacaúna. — Os maus
espíritos da floresta
podem separar outra vez
o guerreiro branco de

seu irmão pitiguara. O
cão te
seguirá daqui em
diante, para que mesmo
de longe Poti acuda a
teu chamado. — Mas o
cão é teu companheiro e
amigo fiel.

— Mais amigo e
companheiro será de
Poti, servindo a seu

irmão que a ele. Tu o
chamarás Japi; e ele será
o pé

ligeiro com que de longe
corramos um para o
outro.

Jacaúna deu o sinal da
partida.

Os guerreiros pitiguaras
caminharam para as
margens alegres do rio
onde bebem as garças:

ali se erguia a grande
taba dos senhores das
várzeas. O Sol deitou-se
e de novo se levantou
no céu. Os guerreiros
chegaram aonde a serra
quebrava para o sertão;
já tinham passado
aquela parte da
montanha que, por ser
despida de arvoredos e
tosquiada como a

capivara, a gente de
Tupã chamava Ibiapina.
Poti levou o cristão
aonde crescia um
frondoso jatobá, que
afrontava as árvores do
mais alto píncaro da
serrania, e quando
batido pela rajada,
parecia varrer o céu com
a imensa copa.

— Neste lugar nasceu
teu irmão, disse o

pitiguara.

Martim estreitou o peito
ao tronco enorme:

— Jatobá, que viste
nascer meu irmão Poti,
o estrangeiro te abraça.

— O raio te decepe,
árvore do guerreiro
Poti, quando seu irmão
o abandonar.

Depois o chefe assim

falou:

— Ainda Jacaúna não era um guerreiro, Jatobá, o maior chefe, conduzia os pitiguaras à vitória. Logo que as grandes águas correram, ele caminhou para a serra. Aqui chegando, mandou levantar a taba, para estar perto do inimigo e vencê-lo mais vezes. A mesma Lua que

o viu chegar, alumiou a
rede onde Saí, sua
esposa, lhe deu mais um
guerreiro de seu sangue.
O luar passava por entre
as folhas do jatobá; e o
sorriso pelos lábios do
varão possante, que
tomara seu nome e
robustez.

Iracema aproximou-se.
A rola, que marisca na
areia, se afasta-se o

companheiro, adeja
inquieta de ramo em
ramo e arrulha para que
lhe responda o ausente
amigo. Assim a filha
das florestas errara pela
encosta, modulando o
singelo canto mavioso.
Martim a recebeu com a
alma no semblante; e
levando a esposa do
lado do coração e o

amigo do lado da força,
voltou ao rancho dos
pitiguaras.

51

20

A Lua cresceu.

Três sóis havia que
Martim e Iracema
estavam nas terras dos
pitiguaras, senhores
das margens do
Camucim e

Acaraú. Os estrangeiros
tinham sua rede na vasta
cabana do grande
Jacaúna. O valente chefe
guardou para si a
alegria de hospedar o
guerreiro branco.

Poti abandonou sua taba
para acompanhar seu
irmão de guerra na
cabana de seu irmão de
sangue, e gozar dos

instantes que
sobejavam do amor de
Iracema para a
amizade, no coração do
guerreiro do mar.

A sombra já se retirou
da face da terra: e
Martim viu que ela não
se retirara ainda da
face da esposa, desde o
dia do combate.

— A tristeza mora na

alma de Iracema!

— A alegria para a
esposa só vem de ti;
quando teus olhos a
deixam, as lágrimas
enchem os seus.

— Por que chora a filha
dos tabajaras?

— Esta é a taba dos
pitiguaras, inimigos de
meu povo. A vista de
Iracema já conheceu o

crânio de seus irmãos
espetado na caiçara; o
ouvido já escutou o
canto de morte dos
cativos tabajaras; a mão
já tocou as armas tintas
do sangue de seus pais.

A esposa pousou as duas
mãos nos ombros do
guerreiro, e reclinou ao
peito dele: — Iracema
tudo sofre por seu

guerreiro e senhor. A ata
é doce e saborosa;
quando a machucam,
azeda. Tua

esposa não quer que seu
amor azede teu coração;
mas que te encha das
doçuras do mel.

— Volte o sossego ao
seio da filha dos
tabajaras; ela vai
deixar a taba dos

inimigos de seu povo.

O cristão caminhou para a cabana de Jacaúna. O grande chefe alegrou-se vendo chegar seu hóspede; mas a alegria fugiu logo de sua fronte guerreira. Martim dissera:

— O guerreiro branco parte de tua cabana, grande chefe.

— Alguma cousa te faltou na taba de Jacaúna?

— Nada faltou a teu hóspede. Ele era feliz aqui; mas a voz do coração o chama a outros sítios.

— Então parte, e leva o que é preciso para a viagem. Tupã te fortaleça, e traga outra

vez à cabana de
Jacaúna, para que ele
festeje tua boa-vinda.
Poti chegou; sabendo
que o guerreiro do mar
ia partir, falou:

— Teu irmão te
acompanha.

— Os guerreiros de Poti
precisam de seu chefe.

— Se tu não queres

que eles vão com Poti,
Jacaúna os conduzirá
à vitória. — A cabana
de Poti ficará deserta e
triste.

— Deserto e triste será o
coração de teu irmão
longe de ti.

O guerreiro do mar
deixou as margens do
rio das garças, e

caminhou para as terras
onde o Sol se deita. A
esposa e o amigo
seguem sua marcha. 52

Passam além da fértil
montanha, onde a
abundância dos frutos
criava grande
quantidade de mosca,
de que lhe
veio o nome de
Meruoca.

Atravessam os córregos
que levam suas águas ao
rio das garças, e avistam
longe no horizonte uma
alta serrania.

Expira o dia; nuvem
negra voa das bandas do
mar: são os urubus que
pastam nas praias a
carniça que o oceano
arroja, e com a noite
tornam ao ninho.

Os viajantes dormem
em Uruburetama.

Quando o Sol voltou,
chegaram às margens
do rio, que nasce da
quebrada da serra e
desce a planície
enroscando-se como uma
cobra. Suas voltas
contínuas enganam a
cada passo o peregrino,
que vai seguindo o
tortuoso curso; por isso

foi chamado Mundaú.

Perlongando as frescas
margens, viu Martim no
seguinte sol os verdes
mares e as alvas praias
onde as ondas

murmurosas às vezes
soluçam e outras raivam
de fúria, rebentando em
frocos de espuma.

Os olhos do guerreiro
branco se dilataram

pela vasta imensidade;
seu peito suspirou.

Esse mar beijava
também

as brancas areias do
Potengi, seu berço
natal, onde ele vira a
luz americana.

Arrojou-se nas ondas e
pensou banhar seu
corpo nas águas da
pátria, como banhara
sua alma nas saudades

dela.

Iracema sentiu
chorar-lhe o coração;
mas não tardou que o
sorriso de seu
guerreiro o
acalentasse.

Entretanto Poti, do
alto do coqueiro,
flechava o saboroso
camorupim que
brincava na pequena
baía do Mundaú;

e preparava o moquém
para a refeição.

54

21

Já descia o Sol das
alturas do céu.

Chegam os viajantes à
foz do rio onde se
criam em grande
abundância as
saborosas traíras; suas
praias são

povoadas pela tribo dos pescadores, da grande nação dos pitiguaras.

Eles receberam os estrangeiros com a hospitalidade generosa, que era uma lei de sua religião; e Poti com o respeito que merecia tão grande guerreiro, irmão de Jacaúna, maior chefe da forte

gente pitiguara.

Para repousar os
viajantes, e
acompanhá-los na
despedida, o chefe da
tribo recebeu Martim,
Iracema e Poti na
jangada, e abrindo a vela
a brisa, levou-os até
muito longe da costa.
Todos os pescadores em
suas jangadas seguiam o

chefe e atroavam os ares
com o canto de saudade,
e os

múrmuros do uraça, que
imita os soluços do
vento.

Além da tribo dos
pescadores estava mais
entrada para as serras a
tribo dos caçadores.
Eles ocupavam as
margens do Soipé,

cobertas de matas,
onde os veados, as
gordas pacas e os
macios jacus
abundavam. Assim os
habitadores dessas
margens lhes deram o
nome de país da caça. O
chefe dos caçadores,
Jaguaraçu, tinha sua
cabana à beira do lago
que forma o rio perto do

mar. Aí acharam os
viajantes o mesmo
agasalho que haviam
recebido dos pescadores.

Depois que partiram do
Soipé, os viajantes
atravessaram o rio
Pacoti, em cujas
margens cresciam as
frondosas
bananeiras balançando
os verdes penachos;

mais longe o Iguape,
onde a água faz cintura
em torno dos cômoros
de areia.

Além assomou no horizonte
um alto morro de areia que
tinha a alvura da espuma
do mar. O cabo
sobranceiro
aos coqueiros parece a
cabeça calva do condor,
esperando ali a
borrasca, que vem dos

confins do oceano.

— Poti conhece o grande morro das areias? perguntou o cristão. — Poti conhece toda a terra que tem os pitiguaras, desde as margens do grande rio, que forma um braço do mar, até à margem do rio onde habita o jaguar. Ele já esteve no alto do

Mocoribe; e de lá viu
correr no mar as grandes
igaras dos guerreiros
brancos, teus inimigos,
que estão no Mearim.

— Por que chamas tu
Mocoribe ao grande
morro das areias? — O
pescador da praia, que
vai na jangada, lá onde
voa a ati, fica triste,
longe da terra e de sua

cabana, onde dormem os
filhos de seu sangue.

Quando ele volta e que
seus olhos primeiro
avistam o morro das
areias, a alegria volta ao
seio do homem. Então
ele diz que o morro das
areias dá alegria!

— O pescador diz
bem; porque teu irmão
ficou contente como

ele, vendo o monte das areias.

Martim subiu com Poti ao cimo do Mocaribe.

Iracema, seguindo com os olhos o esposo, divagava como a jaçanã em torno do lindo seio, que ali fez a terra para receber o mar. De passagem ela colhia os doces cajus,

que aplacam a sede aos
guerreiros, e apanhava
as mimosas conchas
para
ornar seu colo.

55

Os viajantes estiveram
em Mocaribe três sóis.
Depois Martim levou
seus passos além. A
esposa e o amigo o
seguiram até a

embocadura de um rio
cujas margens eram
alagadas e cobertas de
mangue. O mar entrando
por ele
formava uma bacia de
água cristalina, que
parecia cavada na pedra
como um camucim.

O guerreiro cristão ao
percorrer essa paragem,
começou de cismar. Até ali
ele

caminhava sem destino,
movendo

seus passos ao acaso;
não tinha outra intenção
mais que afastar-se das
tabas dos pitiguaras para
arrancar a tristeza do
coração de Iracema. O
cristão sabia por
experiência que a
viagem acalenta a
saudades, porque a alma
pára enquanto o corpo

se move. Agora sentado na praia, pensava.

Poti veio:

— O guerreiro branco pensa; o seio do irmão está aberto para receber seu pensamento.

— Teu irmão pensa que este lugar é melhor do que as margens do Jaguaribe para a taba

dos guerreiros de sua
raça. Nestas águas as
grandes igaras que vêm
de longes terras se
esconderiam do vento e
do mar; daqui elas iriam
ao Mearim destruir os
brancos tapuias, aliados
dos tabajaras, inimigos
de tua nação.

O chefe pitiguara
meditou e respondeu:

— Vai buscar teus guerreiros. Poti plantará sua taba junto da mairi de seu irmão.

Aproximava-se Iracema. O cristão mandou com um gesto o silêncio ao chefe pitiguara.

— A voz do esposo se cala, e seus olhos se baixam, quando chega Iracema. Queres tu que

ela se afaste?

— Quer teu esposo
que chegues mais
perto, para que sua
voz e seus olhos
penetrem mais dentro
de tua alma.

A formosa selvagem
desfez-se em risos,
como se desfaz a flor
do fruto que desponta,
e foi debruçar-se na

espádua do guerreiro.

— Iracema te escuta.

— Estes campos são alegres, e mais serão quando Iracema neles habitar. Que diz teu coração?

— O coração da esposa está sempre alegre junto de seu senhor e guerreiro.

O cristão, seguindo pela margem do rio,

escolheu um lugar
para levantar a cabana.
Poti cortou esteios dos
troncos da carnaúba; a
filha de Araquém ligava
os leques da palmeira
para vestir o teto e as
paredes; Martim cavou a
terra com a espada e
fabricou a porta das
fasquias da taquara.

Quando veio a noite, os
dois esposos armaram a

rede em sua nova
cabana; e o amigo no
copiar que olhava para
o nascente.

57

22

Poti saudou o amigo e
falou assim:

— “Antes que o pai de
Jacaúna e Poti, o valente
guerreiro Jatobá,
mandasse sobre todos os

guerreiros pitiguaras, o grande tacape da nação estava na destra de Batuieté, o maior chefe, pai de Jatobá. Foi ele que veio pelas praias do mar até o rio do jaguar, e expulsou os tabajaras para dentro das terras, marcando a cada tribo seu lugar; depois entrou pelo sertão até a serra

que tomou seu nome.

“Quando suas estrelas
eram muitas, e tantas que
seu camucim já não
cabia as castanhas que
marcavam o

número, o corpo vergou
para a terra, o braço
endureceu como o galho
do ubiratã que não
verga, seus olhos se
escureceram.

“Chamou então o guerreiro Jatobá e disse: — Filho, toma o tacape da nação pitiguara. Tupã não quer que

Batuieté o leve mais à guerra, pois tirou a força de seu corpo, o movimento do seu braço e a luz de seus olhos.

Mas Tupã foi bom para ele, pois lhe deu um

filho como o guerreiro
Jatobá.

“Jatobá empunhou o
tacape dos pitiguaras.
Batuieté tomou o
bordão de sua velhice e
caminhou. Foi
atravessando os vastos
sertões, até os campos
viçosos onde correm as
águas que vêm das
bandas da noite. Quando
o velho guerreiro

arrastava o passo pelas
margens, e a sombra de
seus olhos não lhe
deixava que visse mais
os frutos nas árvores ou
os pássaros no ar, ele
dizia em sua tristeza: —
Ah! meus tempos
passados!

“A gente que o ouvia
chorava a ruína do
grande chefe; e desde
então passando por

aqueles lugares repetia
suas palavras; donde
veio chamar-se o rio e
os campos,
Quixeramobim.

“Batuieté veio pelo
caminho das garças até
aquela serra que tu vês
longe, onde primeiro
habitou. Lá no píncaro o
velho guerreiro fez seu
ninho alto como o
gavião, para encher o

resto de seus dias,
conversando com Tupã.
Seu filho já dorme
embaixo da terra, e ele
ainda na outra lua
cismava na porta de sua
cabana, esperando a
noite que traz o grande
sono. Todos os chefes
pitiguaras,
quando acordam à voz
da guerra, vão pedir ao
velho que lhes ensine a

vencer, porque nenhum
outro guerreiro jamais
soube como ele
combater. Assim as
tribos não o chamam
mais pelo
nome, senão o grande
sabedor da guerra,
Maranguab.

“O chefe Poti vai à
serra ver seu grande
avô; mas antes que o

dia morra, ele estará de volta na cabana de seu irmão. Tens tu outra vontade?” — O guerreiro branco te acompanha. Ele quer abraçar o grande chefe dos pitiguaras, avô de seu irmão, e dizer ao velho que renasce em seu neto.

Martim chamou

Iracema; e partiram
ambos guiados pelo
pitiguara para a serra do
Maranguab, que se
levantava

no horizonte. Foram
seguindo o curso do rio
até onde nele entrava o
ribeiro de Pirapora.

A cabana do velho
guerreiro estava junto
das formosas cascatas,
onde salta o peixe no

meio dos borbotões de espuma. As águas ali são frescas e macias, como a brisa do mar, que passa entre as palmas dos coqueiros, nas horas da calma.

58

Batuieté estava sentado sobre uma das lapas da cascata; e o sol ardente caía sobre

sua cabeça nua de
cabelos e cheia de
rugas como o jenipapo.
Assim dorme o jaburu
na borda do lago.

— Poti é chegado à
cabana do grande
Maranguab, pai de
Jatobá, e trouxe seu
irmão branco para ver o
maior
guerreiro das nações.

O velho soabriu as
pesadas pálpebras, e
passou do neto ao
estrangeiro um olhar
baço. Depois o peito
arquejou e os lábios
murmuraram:

— Tupã quis que estes
olhos vissem antes de se
apagarem o gavião
branco junto da narceja.

O abaeté derrubou a fronte

aos peitos, e não falou
mais, nem mais se moveu.

Poti e Martim julgaram
que ele dormia e se
afastaram com respeito
para não perturbar o
repouso de quem tanto
obrarara na longa vida.

Iracema, que se banhava
na próxima cachoeira,
veio-lhes ao encontro,
trazendo na folha da

taioaba favos de mel
puríssimo. Discorreram
os amigos pelas floridas
encostas até que as
sombras da montanha se
estenderam pelo vale.

Tornaram então ao lugar
onde tinham deixado o
Maranguab. O velho
ainda lá estava na
mesma atitude, com a
cabeça derrubada ao

peito e os joelhos
encostados à frente. As
formigas subiam pelo
seu corpo; e os tuins
adejavam em torno e
pousavam-lhe na calva.
Poti pôs a mão no
crânio do velho e
conheceu que era
finado; morrera de
velhice. Então o chefe
pitiguara entoou o canto

da morte; e depois foi à
cabana buscar o
camucim, que
transbordava com as
castanhas do caju.

Martim contou cinco
vezes cinco mãos.

Entretanto Iracema
colhia na floresta a
andiroba, de que foi
ungido o corpo do
velho no camucim,

onde a mão
piedosa do neto o
encerrou. O vaso
fúnebre ficou suspenso
ao teto da cabana.
Depois que plantou
urtiga em frente à porta,
para defender contra os
animais a oca
abandonada, Poti
despediu-se triste
daqueles lugares, e

tornou com seus
companheiros à borda
do mar.

60

23

Quatro luas tinham
alumiado o céu depois
que Iracema deixara os
campos do Ipu; e três
depois que ela
habitava nas praias do
mar a cabana de seu

esposo.

A alegria morava em sua alma. A filha dos sertões era feliz, como a andorinha que abandona o ninho de seus

pais e emigra para fabricar novo ninho no país onde começa a estação das flores. Também Iracema achara nas praias do mar um ninho do amor, nova

pátria para o coração.

Ela discorria as amenas
campinas, como o
colibri borboleteando
entre as flores da acácia.

A luz da manhã já a
encontrava suspensa ao
ombro do esposo e
sorrindo, como a
enredilha, que entrelaça
o tronco e todas as
manhãs o coroa de nova
grinalda.

Martim partia para a caça com Poti. Ela separava-se então dele, para mais sentir o desejo de tornar a ele.

Perto havia uma formosa lagoa no meio da verde campina. Para lá volvia a selvagem o ligeiro passo. Era a hora do banho da manhã; atirava-se à água, e nadava com as

garças brancas e as
vermelhas jaçanãs.

Os guerreiros pitiguaras,
que apareciam por
aquelas paragens,
chamavam a essa lagoa
da beleza, porque nela se
banhava Iracema, a mais
bela filha da raça de
Tupã.

E desde esse tempo as
mães vinham de longe
mergulhar suas filhas

nas águas da Porangaba,
que tinham a
virtude de tornar as
virgens formosas e
amadas pelos guerreiros.
Depois do banho,
Iracema discorria até as
faldas da serra do
Maranguab, onde nascia
o ribeiro das marrecas.
Ali cresciam na frescura
e sombra as frutas mais

saborosas de todo o país;
delas fazia copiosa
provisão, e esperava se
embalando nas ramas do
maracujá, que Martim
tornasse da caça.

Outras vezes não era a
Jereraú que a levava
sua vontade, mas do
oposto lado, junto da
lagoa da Sapiiranga,
cujas águas diziam que
inflamavam os olhos. À

cerca daí havia um
bosque frondoso de
murtis, que formavam
no meio do tabuleiro
uma grande ilha de
formosas palmeiras.
Iracema gostava do
murtiápuá, onde o vento
suspirava docemente; ali
espolpava ela o
vermelho coco, para
fabricar a bebida
refrigerante, adoçada

com o mel da abelha,
que os guerreiros
amavam durante a maior
calma do dia.

Uma manhã Poti guiou
Martim à caça.

Caminharam para uma
serra, que se levanta ao
lado da outra do

Maranguab, sua irmã. O
alto cabeça se curva à
semelhança do bico
adunco da arara; pelo

que os guerreiros a
chamaram Aratanha.
Eles subiram pela
encosta da Guaiúba por
onde as águas descem
para o vale, e foram até
o
córrego habitado pelas
pacas.
Só havia sol no bico da
arara quando os
caçadores desceram de

Pacatuba ao tabuleiro.
De longe viram
Iracema,
que viera esperá-los à
margem de sua lagoa da
Porangaba. Caminhava
para eles com o passo
altivo da garça que
passeia à beira d'água:
por cima da carioba
trazia uma cintura das
flores da maniva, que
era o símbolo da

fecundidade. Colar
das mesmas
cingia-lhe o colo e
ornava os rijos seios
palpitantes.

Travou da mão do
esposo, e a impôs no
regação:

61

— Teu sangue já
vive no seio de
Iracema. Ela será

mãe de teu filho! —
Filho, dizes tu! —
exclamou o cristão
em júbilo.

Ajoelhou ali e,
cingindo-a com os
braços, beijou o ventre
fecundo da esposa.

Quando ergueu-se, Poti
falou:

“A felicidade do
mancebo é a esposa e o
amigo; a primeira dá
alegria; o segundo dá
força: o guerreiro sem a
esposa é como a árvore sem
folhas nem flores; nunca ela
verá o fruto. O
guerreiro sem amigo é
como a árvore
solitária no meio do
campo que o vento
embalança: o fruto dela

nunca amadura. A
felicidade do varão é a
prole, que nasce dele e
faz seu orgulho; cada
guerreiro que sai de suas
veias é mais um galho
que leva seu nome às
nuvens, como a grimpã
do cedro. Amado de
Tupã é o guerreiro que
tem uma esposa, um
amigo e muitos filhos;
ele nada

mais deseja senão a morte gloriosa.”

Martim uniu o peito ao peito de Poti:

— O coração do esposo e do amigo falou por tua boca. O guerreiro branco é feliz, chefe dos pitiguaras, senhores das praias do mar; e a felicidade nasceu para ele na terra das

palmeiras, onde recende
a baunilha, e foi gerada
do sangue de tua raça,
que tem no rosto a cor
do sol. O guerreiro
branco não quer mais
outra pátria, senão a
pátria de seu filho e de
seu coração.

Ao romper d'alva Poti
partiu para colher as
sementes de crajuru que
dão a mais bela tinta

vermelha, e a casca do
angico de onde sai a cor
negra mais lustrosa. De
caminho sua flecha
certeira abateu o pato
selvagem que plainava
nos ares: e ele arrancou
das asas as longas penas.
Subindo ao Mocaribe,
rugiu a inúbia. A refega
que vinha do mar levou
longe o rouco som. O
búzio dos pescadores do

Trairi e a trombeta dos
caçadores do Soipé
responderam.

Martim banhou-se
n'água do rio, e passeou
na praia para secar o
corpo ao vento e ao sol.
Ao seu lado ia

Iracema, que apanhava o
âmbar amarelo, que o
mar arrojava. Todas as
noites a esposa
perfumava seu corpo e a

alva rede, para que o
amor do guerreiro se
deleitasse nela.

Voltou Poti.

63

24

Foi costume da raça,
filha de Tupã, que o
guerreiro trouxesse no
corpo as cores de sua
nação.

Traçavam em princípio

negras riscas sobre o
corpo, à semelhança do
pêlo do coati, de onde
procedeu o nome
dessa arte da pintura
guerreira. Depois
variaram as cores, e
muitos guerreiros
costumavam escrever
os emblemas de seus
feitos.

O estrangeiro, tendo
adotado a pátria da

esposa e do amigo,
devia passar por aquela
cerimônia, para
tornar-se um guerreiro
vermelho, filho de
Tupã. Nessa intenção
fora Poti se prover dos
objetos necessários.

Iracema preparou as
tintas. O chefe,
embebendo as ramas da
pluma, traçou pelo corpo
os riscos vermelhos e

pretos, que ornavam a
grande nação
pitiguara. Depois
pintou na fronte uma
flecha e disse:

— Assim como a seta
traspassa o duro tronco,
assim o olhar do
guerreiro penetra n'alma
dos povos.

No braço um gavião.

— Assim como o anajê

cai das nuvens, assim
cai o braço do guerreiro
sobre o inimigo.

No pé esquerdo a raiz do
coqueiro.

— Assim como a
pequena raiz agarra na
terra o alto coqueiro, o
pé firme do guerreiro
sustenta seu corpo.

No pé direito pintou uma
asa:

— Assim como a asa do
majoí rompe os ares, o
pé veloz do guerreiro
não tem igual na
corrida.

Iracema tomou a rama
da pena e pintou uma
folha com uma abelha
sobre: sua voz ressoou
entre sorrisos:

— Assim como a abelha
fabrica mel no coração

negro do jacarandá, a
doçura está no peito do
mais valente
guerreiro.

Martim abriu os braços
e os lábios para receber
corpo e alma da
esposa. — Meu irmão
é um grande guerreiro
da nação pitiguara; ele
precisa de um nome na
língua de sua nação.

— O nome de teu
irmão está em seu
corpo, onde o pôs
tua mão. —

Coatiabo!

exclamou Iracema.

— Tu disseste; eu sou o
guerreiro pintado; o
guerreiro da esposa e
do amigo. Poti deu a
seu irmão o arco e o

tacape, que são as
armas nobres do
guerreiro. Iracema
havia tecido para ele o
cocar e a aração,
ornatos dos chefes
ilustres. A filha de
Araquém foi buscar à
cabana as iguarias do
festim e os vinhos de
jenipapo e mandioca.

Os guerreiros beberam
copiosamente e
trançaram as danças
alegres. Durante que
volviam em torno dos
fogos da alegria,
ressoavam as canções.

Poti cantava:

— Como a cobra que
tem duas cabeças em
um só corpo, assim é a
amizade de Coatiabo e

Poti.

Acudiu Iracema:

— Como a ostra que
não deixa o rochedo,
ainda depois de morta,
assim é Iracema junto
a seu esposo.

Os guerreiros disseram:

64

— Como o jatobá na
floresta, assim é o
guerreiro Coatiabo

entre o irmão e a
esposa: seus ramos
abraçam os
ramos do ubiratã, e sua
sombra protege a relva
humilde.

Os fogos da alegria
arderam até que veio a
manhã; e com eles
durou o festim dos
guerreiros.

25

A alegria ainda morou
na cabana, todo o tempo
que as espigas de milho
levaram a amarelecer.

Uma alvorada,
caminhava o cristão
pela borda do mar.

Sua alma estava
cansada.

O colibri sacia-se de
mel e perfume; depois

adormece em seu branco
ninho de algodão, até que
volta no outro ano a lua
das flores. Como o
colibri, a alma do
guerreiro também
satura-se de felicidade, e
carece de sono e
repouso. A caça e as
excursões pelas
montanhas em
companhia do amigo, as

carícias da terna esposa
que o esperavam na
volta, o doce carbetto no
copiar da cabana, já não
acordavam nele as
emoções de outrora. Seu
coração ressonava.

Iracema brincava pela
praia: os olhos dele
retiravam-se dela para se
estenderem pela
imensidade dos mares.

Viram umas asas
brancas, que adejavam
pelos campos azuis.

Conheceu o cristão que
era uma grande igara de
muitas velas, como
construíam seus irmãos;
e a saudade da pátria
apertou em seu seio.

Alto ia o Sol; e o
guerreiro na praia seguia
com os olhos as asas

brancas que fugiam.

Debalde a esposa o
chamou à cabana,
debalde ofereceu a seus
olhos, as graças dela e
os frutos melhores do
campo. Não se moveu o
guerreiro, senão quando
a vela sumiu-se no
horizonte.

Poti voltou da serra,
onde pela vez primeira
fora só. Tinha deixado a

serenidade na fronte de
seu irmão e achava ali a
tristeza. Martim saiu-lhe
ao encontro: — A igara
grande do branco tapuia
passou no mar. Os olhos
de teu irmão a viram
voar para as margens do
Mearim, onde estão os
aliados dos
tupinambás, inimigos
de tua e minha raça. —

Poti é senhor de mil
arcos; se é teu desejo,
ele te acompanhará
com seus guerreiros às
margens do Mearim
para vencer o tapuitinga
e seu amigo, o traidor
tupinambá.

— Quando for tempo teu
irmão te dirá.

Os guerreiros entraram
na cabana, onde estava

Iracema. A maviosa
canção nesse dia tinha
emudecido nos lábios
da esposa. Ela tecia
suspirando a franja da
rede materna, mais
larga e espessa que a
rede do himeneu.

Poti, que a viu tão
ocupada, falou:

— Quando a sabiá canta
é o tempo do amor;

quando emudece,
fabrica o ninho para sua
prole; é o tempo do
trabalho.

— Meu irmão fala
como a rã quando
anuncia a chuva; mas a
sabiá que faz seu ninho,
não sabe se dormirá
nele.

A voz de Iracema
gemia. Seu olhar

buscou o esposo.

Martim pensava: as
palavras de Iracema
passaram por ele,

como a brisa pela face
lisa da rocha, sem eco
nem rumores.

O Sol brilhava sempre
sobre as praias do mar, e
as areias refletiam os
raios ardentes; mas nem
a luz que vinha do céu,

nem a luz que ia da terra
espancaram a sombra
n'alma do cristão. Cada
vez o crepúsculo era
maior em sua frente.
Chegou das margens do
Acarú um guerreiro
pitiguara, mandado por
Jacaúna a seu irmão
Poti. Ele veio seguindo
o rastro dos viajantes
até o Trairi, onde os

pescadores o guiaram
à cabana. 66

Poti estava só no copiar;
ergueu-se e abaixou a
frente para escutar com
respeito e gravidade as
palavras que lhe
mandava seu irmão pela
boca do mensageiro: —
O tapuitinga, que estava
no Mearim, veio pelas
matas até o princípio da

Ibiapaba, onde fez
aliança com

Irapuã, para combater a
nação pitiguara. Eles vão
descer da serra às
margens do rio em que
bebem as garças, e onde
tu levantaste a taba de
teus guerreiros. Jacaúna
te chama para defender
os campos de nossos
pais: teu povo carece de
seu maior guerreiro.

— Volta às margens do Acaraú, e teu pé não descanse enquanto não pisar o chão da cabana de Jacaúna. Quando aí estiveres, dize ao grande chefe: — “Teu irmão é chegado à taba de seus guerreiros.” — E tu não mentirás.

O mensageiro partiu.

Poti vestiu suas armas e

caminhou para a várzea,
guiado pelo passo de
Coatiabo. Ele o
encontrou muito além,
vagando entre os
canaviais que bordam as
margens de Jacaréí. —
O branco tapuia está na
Ibiapaba para ajudar os
tabajaras a combater
contra Jacaúna. Teu
irmão corre a

defender a terra de seus
filhos, e a taba onde
dorme os camucins de
seus pais. Ele saberá
vencer depressa para
voltar à tua presença.

— Teu irmão parte
contigo. Nada separa
dois guerreiros amigos
quando troa a inúbia da
guerra.

— Tu és grande, como o

mar, e bom como o céu.

Os dois amigos
abraçaram-se; e
seguiram com o rosto
para as bandas do
nascente.

68

26

Caminhando,
caminhando, chegaram
os guerreiros à margem
de um lago que havia

nos tabuleiros.

O cristão parou de repente e voltou o rosto para as bandas do mar: a tristeza saiu de seu coração e subiu à frente.

— Meu irmão, disse o chefe, teu pé criou raiz na terra do amor; fica: Poti voltará breve.

— Teu irmão te acompanha; ele disse, e

sua palavra é como a
seta de teu arco; quando
soa, é chegada.

— Queres tu que
Iracema te acompanhe
às margens do Acaraú?

— Nós vamos
combater seus irmãos.
A taba dos pitiguaras
não terá para ela mais
que tristeza e dor. A
filha dos tabajaras deve

ficar.

— Que esperas tu então?

— Teu irmão se aflige porque a filha dos tabajaras pode ficar triste e abandonar a cabana, sem esperar pela sua volta. Antes de partir ele queria sossegar o espírito da esposa.

Poti refletiu:

— As lágrimas da
mulher amolecem o
coração do guerreiro,
como o orvalho da
manhã amolece a terra.

— Meu irmão é um
grande sabedor. O
esposo deve partir sem
ver Iracema. O cristão
avançou. Poti
mandou-lhe que
esperasse; da aljava de

setas que Iracema
emplumara de penas
vermelhas e pretas, e
suspendera aos ombros
do esposo, tirou uma. O
chefe pitiguara vibrou o
arco; a seta atravessou
um goiamum que
discorria pelas margens
do lago, e só parou
onde a pluma não a

deixou mais entrar.

Fincou o guerreiro no
chão a flecha, com a
presa atravessada, e
tornou para Coatiabo:

— Tu podes partir agora.

Iracema seguirá teu rastro;
chegando aqui, verá tua